



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

FERNANDA CRISTINA DOS SANTOS FERREIRA

RELATÓRIO

**“DES-ACOLHIDOS”- UM PODCAST JORNALÍSTICO SOBRE OS
DESAFIOS DO DESACOLHIMENTO INSTITUCIONAL POR
MAIORIDADE**

JOAO PESSOA
2022

FERNANDA CRISTINA DOS SANTOS FERREIRA

RELATÓRIO

"DES-ACOLHIDOS" - UM PODCAST JORNALÍSTICO SOBRE OS DESAFIOS DO DESACOLHIMENTO INSTITUCIONAL POR MAIORIDADE

Relatório crítico-reflexivo sobre o produto jornalístico apresentado à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito necessário à obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo, área de concentração em “Produção Jornalística”, linha de pesquisa “Processos, Práticas e Produtos” .

Área de Concentração: Produção Jornalística

Linha de Pesquisa: Processos, Práticas e Produtos

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Monteiro Cruz Mendes

JOÃO PESSOA
2022

**Catálogo na publicação Seção de
Catálogo e Classificação**

Elaborado por Larissa Silva Oliveira de Mesquita - CRB-15/746

F383r Ferreira, Fernanda Cristina dos Santos.

Relatório "des-acolhidos" - um podcast jornalístico sobre os desafios do
desacolhimento institucional por maioria / Fernanda Cristina dos Santos
Ferreira. - João Pessoa, 2022.

49 f.

Orientação: Patrícia Monteiro Cruz Mendes. Relatório
(Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo. 2. Rádio expandido. 3. Podcast jornalístico. 4. Adoção. 5.
Maioria - Desacolhimento. I. Mendes, Patrícia Monteiro Cruz. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070(043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte e quatro dias do mês de agosto de 2022, às 15 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, pelo endereço eletrônico <http://meet.google.com/hft-rtrf-rcw>, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **FERNANDA CRISTINA DOS SANTOS FERREIRA**, sob a matrícula **20201001411**, cuja pesquisa intitula-se “**DESACOLHIDOS**”- UM PODCAST JORNALÍSTICO SOBRE OS DESAFIOS DO DESACOLHIMENTO INSTITUCIONAL POR MAIORIDADE”, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:

(X) Aprovado(a) () Reprovado(a)

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta Ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Prof.(a) Dr.(a) PATRÍCIA MONTEIRO CRUZ
MENDES**

Presidente

Prof.(a) Dr.(a) FABIANA CARDOSO DE SIQUEIRA
Examinador(a) Interno(a)

Prof.(a) Dr.(a) Dra. NORMA MEIRELES
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

Observação: A presidência da Comissão certifica a presença dos demais membros.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é a Deus, pois tudo é para ele, por ele e para glória dele, e sem sua força e graça eu não teria chegado até aqui.

Agradeço ao maior incentivador deste projeto e da minha carreira, meu esposo, Igor. Fonte de apoio e do amor mais sincero que tornaram possível a superação de muitos desafios, e que segurou a minha mão nas inúmeras vezes em que eu quis desistir.

Agradeço a minha filha Eva Maria, que tão pequena não tem ideia do quanto foi importante para que eu chegasse a conclusão deste trabalho. É Tudo por e para você filha.

Agradeço também à minha família, meus pais, e em especial a minha mãe, fonte inesgotável de suporte, amor e encorajamento.

A minha orientadora e amiga, professora Patricia Monteiro, por todo conhecimento compartilhado, por me adotar como filha acadêmica, e por tamanha generosidade e paciência.

Aos meus amigos que me cobriram em oração.

A Paulina Oliveria amiga que o jornalismo me deu, que me ajudou com a revisão abnt e ortográfica, pois escrever com sono nos leva a deixar passar batido alguns erros.

Aos mestrandinhos, grupo de amigos do mestrado, e que mesmo distantes, em cidades e estados diferentes, foram fundamental fonte de apoio acadêmico.

A Eduardo Paldophi, amigo e melhor editor de áudio que eu conheço, e que me auxiliou com a edição do podcast.

Agradeço por fim, a cada um dos entrevistados que abriram seus corações e compartilharam suas histórias comigo para que este trabalho fosse possível. Foram muitas as lições aprendidas com vocês.

RESUMO

O presente trabalho teve a finalidade de construir um podcast intitulado “Des-acolhidos”- um podcast jornalístico sobre os desafios do desacolhimento institucional por maioria”. O objetivo geral foi produzir um podcast jornalístico, com uma abordagem narrativa, tendo a finalidade de contar, em dois episódios, histórias de jovens que atingem a maioria sem ter sido adotados, abordando como enfrentam a nova realidade fora das instituições de acolhimento. Tendo como base teórica as noções de rádio expandido, podcast e o formato ‘storytelling’ buscou-se aprofundar a temática do desacolhimento por maioria sob um ângulo mais específico: ouvindo das fontes, por meio de entrevista jornalística, quais as angústias, receios e perspectivas e, por meio dessa escuta atenta, resgatando histórias de vida. A partir dos estudos de adoção e acolhimento em Paiva (2004), Liberatti (2003), e Constantino (2000), Gueiros (2005) compreende-se ainda a perspectiva da adoção e as ações da justiça brasileira. A pesquisa demonstrou a necessidade de lançar luz sobre esse tema, e a contribuição social do jornalismo para divulgar e discutir a situação enfrentada por jovens que saem todos os anos dos serviços de acolhimento.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Rádio expandido. Podcast. Adoção. Maioria.

LINK PARA OUVIR PODCAST :

<https://open.spotify.com/show/7hM4ua6Fl6CjdIQZMTZuVn>

ABSTRACT

The present work had the purpose of building a podcast entitled "Un-welcome" - a journalistic podcast about the challenges of institutional unwelcome by majority". General objective has been to tell, in two episodes, stories of young people who get the age of majority without having been adopted, addressing how they face the new reality outside the shelter institutions. By having as theoretical base notions of expanded radio, podcast and storytelling format, one looked for to deep unwelcome theme by majority under a more specific angle: hearing from the sources, through journalistic interviews, what are the anxieties, fears and perspectives and, through this attentive listening, rescuing life stories. From studies of adoption and welcome in Paiva (2004), Liberatti (2003), and Constantino (2000), the perspective of adoption and the actions of Brazilian justice is also understood. Research demonstrated the need to shed light on this topic, and the social contribution of journalism to publicize and discuss the situation faced by young people who leave the shelter services every year.

KEYWORDS: Journalism. Expanded radio. podcast Adoption. Majority.

LINK TO PRODUCT:

<https://drive.google.com/drive/folders/1eQLBNdorHKCTYJvYnrGjeqLyncl6W2t0>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: ADOÇÃO – UMA PAUTA AINDA NECESSÁRIA	7
2. ADOÇÃO E ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL	13
2.1 BREVE HISTÓRICOS DO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL	13
2.2 ADOÇÃO	15
2.3 DESLIGAMENTO OU DESACOLHIMENTO INSTITUCIONAL POR MAIORIDADE	16
2.4 ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL NO RIO GRANDE DO NORTE	18
3. DO RÁDIO AO PODCAST - CAMINHOS PARA A NARRATIVA SONORA	20
3.1 O RÁDIO EXPANDIDO E CONVERGENTE	20
3.2 CAMINHOS DO PODCAST	22
3.3 PODCAST E JORNALISMO: RELAÇÕES E POSSIBILIDADES DE UM FORMATO EM EXPANSÃO	25
3.4 PODCAST, JORNALISMO LITERÁRIO E STORYTELLING	27
4. PERCURSO METODOLÓGICO	30
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO	31
4.2 PRODUÇÃO	32
4.3 PÓS PRODUÇÃO	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
LINKS	40
APÊNDICES	38

1. INTRODUÇÃO: ADOÇÃO – UMA PAUTA AINDA NECESSÁRIA

Existem vários motivos que levam uma criança e/ou adolescente a ser retirada de sua família biológica e ir para uma unidade de acolhimento institucional, e em alguns casos, na fila de adoção. De acordo com dados do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP)¹ o principal motivo é a negligência dos pais ou responsáveis, seguida por dependência por drogas ou álcool, abandono, violência doméstica e pelo abuso sexual. E em alguns casos, por mais de um dos motivos. Dependendo do caso, pode haver a suspensão, perda ou a extinção do poder familiar. Se nenhum parente conseguir a guarda do menor, a criança ou adolescente é encaminhado para um abrigo, onde pode permanecer por um tempo determinado.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), através da Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, (BRASIL,1990), o acolhimento o institucional é uma medida protetiva excepcional e provisória, nos casos de ameaça ou violação de direitos em que foram esgotadas as outras possibilidades de proteção da criança ou do adolescente. Mas, ao contrário do que determina o ECA, na prática não acontece de forma passageira e transitória.

A lei determina um período de até dois anos, mas, por vezes, o período de acolhimento se prolonga até o adolescente atingir a maioridade e ser desligado da instituição. A Lei Nº 13.509, de 22 de Novembro de 2017,(BRASIL,2017), afirma no art. 19 inciso 1º, que toda criança ou adolescente que estiver inserido em programa de acolhimento familiar ou institucional terá sua situação reavaliada, no máximo, a cada três meses, para evitar uma longa permanência nas instituições. Mesmo sendo uma medida de última instância e provisória, ainda existe, segundo dados pesquisados, um número relevante de crianças e adolescentes afastados da convivência familiar e comunitária. Quando se trata, mais especificamente de adolescentes, nos deparamos com a problemática do desligamento institucional por maioridade.

O painel do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento do Conselho Nacional de Justiça mostra que dos cerca de 30 mil acolhidos no Brasil, no ano de 2021, 3236 já ultrapassaram dois anos de acolhimento. Os adolescentes compõem a maior parte dos acolhidos: ao todo, são 9,4 mil com mais de 15 anos de idade.

Como também previsto em lei (ECA, BRASIL, 1990) ao completarem 18 anos, aqueles que estão acolhidos devem ser desligados das instituições. Quando o laço com a família de origem não é restaurado, ou uma nova família não chega, e quanto mais a criança ou adolescente “cresce”, mais as chances de reinserção familiar diminuem diante das expectativas exigidas pelos pretendentes de adoção, tais como idade, cor, sexo. Boa parte dos pretendentes à adoção desejam uma criança recém-nascida, de pele clara, preferencialmente do sexo

feminino e sem nenhum problema de saúde.

De acordo com dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), a maioria dos adotantes prefere bebês, no entanto apenas 3% das crianças na fila de adoção têm menos de um ano. Ainda de acordo com dados da ferramenta, acessados em fevereiro de 2022, dos mais de 32 mil pretendentes disponíveis no Brasil, apenas 1,67% dos pretendentes aceitam adotar crianças e adolescentes acima dos dez anos de idade, em contrapartida os números mostram que 83% das crianças e adolescentes estão acima desta faixa etária. O cadastro mostra que na faixa etária dos 12 aos 17 anos são 2.649 adolescentes disponíveis. Olhando para aqueles que são maiores de 15 anos e estão beirando a idade do desligamento, o cadastro aponta que são 1.073 jovens.

O Rio Grande do Norte, estado em que foi realizada a parte prática desta pesquisa, possui de acordo com dados do Sistema Nacional de adoção e acolhimento (SNA), acessados em fevereiro de 2022, 227 crianças e adolescentes acolhidos, 110 meninas e 117 meninos, 46 deles disponíveis para adoção, e 380 pretendentes habilitados. Segundo os dados, 34 das 227 crianças e adolescentes estão acolhidos há mais de 1 ano, e 37 deles há mais de três anos. O maior grupo é o dos adolescentes, que possuem idades acima dos 15 anos, são 54. Dos 382 pretendentes disponíveis para adoção, apenas dois aceitam adolescentes com mais de 16 anos.

Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que a mídia aberta potiguar aborda o tema mais voltado para assuntos como a semana estadual de adoção, promovida pela Coordenadoria Estadual da Infância e Juventude do Poder Judiciário potiguar (CEIJ/RN), ou o processo de adoção e em relação ao perfil da criança desejada. e, desse modo, mostra com superficialidade, a situação dos adolescentes e jovens em acolhimento no Estado do Rio Grande do Norte, ou quando mostra está centrada em determinados enfoques, como as adoções que aconteceram, ou aqueles que estão disponíveis para adoção. A mídia acaba não falando sobre as adoções que não acontecem, o destino destes meninos e meninas após atingir a maioridade, sobre os impactos da vida em acolhimento institucional, os desafios pós desligamento obrigatório aos 18 anos e como a falta de suporte pode afetá-los.

Diante dessas questões, o problema desta pesquisa é: como as pessoas que atingem a maioridade sem ter sido adotadas enfrentam a nova realidade fora das instituições de acolhimento? O objetivo geral é produzir um podcast jornalístico, com uma abordagem narrativa, tendo a finalidade de contar as histórias desses jovens a partir de suas próprias vozes. Com base na compreensão de que o jornalismo tem um papel social importante para disseminar informação, e conscientizar a sociedade.

Desse modo, os objetivos específicos são: realizar um podcast jornalístico, utilizando os elementos do Jornalismo Literário; promover a divulgação de narrativas reais, com toques

[Digite aqui]

de subjetividades e emoção, de modo a proporcionar a imersão do ouvinte e, por fim, contribuir para trazer luz à temática do acolhimento institucional e do desacolhimento por maioria, compreendendo que o alcance da narrativa jornalística pode ser intensificada em áudio, criando vínculos com o ouvinte, por meio do impacto e da força da realidade retratada no podcast.

A motivação para o estudo do tema surgiu no ano de 2018, na graduação em Jornalismo, durante a execução do trabalho de conclusão de curso (TCC), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que buscou conhecer o cenário da adoção no estado potiguar. O TCC, defendido no mês de dezembro do ano 2018, resultou em oito reportagens em profundidade que compõem o livro-reportagem “Elos e Laços - um retrato da adoção no Rio Grande do Norte” (SILVA, E OLIVEIRA 2018).

Durante a execução do TCC, um dos aspectos que mais chamaram minha atenção foi a questão da maioria atingida dentro do espaço de acolhimento institucional, e o desligamento após atingir a maioria. Atingir a maioria é um marco na vida de um jovem, encerra simbolicamente o turbilhão de transformações da adolescência e inicia uma nova etapa da vida. Embora esta fase seja regada de muita euforia, a forma como a transição para a vida adulta acontece se reflete no processo de amadurecimento, e perspectivas futuras.

Nos meus 18 anos, eu estava passando no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e entrando na maior instituição de ensino do Estado, uma universidade pública e gratuita, indo enfrentar um curso em outra cidade, distante 180 quilômetros da terra natal. Um turbilhão de acontecimentos, mas tendo todo o apoio incondicional dos meus pais, e todo suporte para esta nova fase. Ao retomar este capítulo de minha história, penso nos jovens que são foco desta pesquisa: aqueles que não tiveram o devido preparo e proteção do estado ou de suas famílias e sem condições, amparo e referências para enfrentar os desafios dessa nova fase da vida que exige autonomia e protagonismo.

Conhecer o sistema de acolhimento institucional, onde residem as crianças e adolescentes que estão aptas à adoção, e o desligamento institucional me fez pensar sobre como esses cidadãos brasileiros merecem atenção e um acompanhamento mais profundo por parte da Vara de Infância e Juventude e o quanto ter um suporte é importante. Desse modo, enquanto jornalista e pesquisadora, compreendo que o presente trabalho contribui para divulgar e discutir a situação enfrentada por jovens que saem todos os anos dos serviços de acolhimento ao alcançarem a maioria. A importância de políticas públicas, e de auxílio para preparar a saída das instituições, nessa transição cercada de incertezas, com diferentes estratégias de apoio e fortalecimento.

A partir de informações obtidas na primeira Vara da Infância e da Juventude da
[Digite aqui]

comarca de Natal/RN, órgão responsável pela legalização do acolhimento institucional de crianças e adolescentes da cidade, a maior parte das crianças e adolescentes que vivem em casas de acolhimento no estado do Rio Grande do Norte hoje e estão aptos para adoção vêm de processo de destituição familiar, são encaminhadas à primeira Vara da Infância e da Juventude da Comarca de Natal pelos Conselhos Tutelares, Delegacias da Criança e Adolescente e até mesmo pelas próprias instituições de acolhimento, uma vez que estas instituições mesmo estando aptas a fazer o processo de acolhimento devem informar o ocorrido à primeira Vara. Alguns chegam às casas de acolhimento já fora da faixa requerida pela maior parte dos pretendentes, o que acaba resultando em longos anos nas instituições. Por consequência, com idades cada vez mais avançadas, alguns chegam aos 18 anos sem nunca terem sido adotados por uma nova família ou por algum parente de sua família de origem.

A maior parte dos adolescentes institucionalizados possui trajetórias marcadas pelo abandono, desamparo, ruptura dos vínculos afetivos, descontinuidade de referências. De acordo com Constantino (2000), quando os vínculos não são restabelecidos e uma nova família não chega, após atingir os 18 anos, o desligamento obrigatório da instituição não é adiado.

O acolhimento, que durante o tempo de permanência nas instituições ofereceu algum cuidado e proteção, ainda que precários, cede espaço para a saída, que se apresenta como uma nova ruptura de vínculos. A partir daí, uma série de processos pessoais, emoções e dificuldades constituem-se em desafios para os quais estes jovens não estão suficientemente prontos, como pontua Siqueira e Dell Aglio (2006, p.71) “os efeitos de um período de institucionalização prolongado têm sido apontados na literatura, por interferirem na sociabilidade e na manutenção de vínculos afetivos na vida adulta”.

Durante a execução deste trabalho, busca-se, a partir do Jornalismo, mergulhar ainda mais nesta realidade, aprofundando a temática do ‘desacolhimento’ por maioridade: ouvindo de quem viveu isto quais são suas dores, angústias, receios, e os desafios enfrentados fora das instituições. A cada vez que se aproxima a data de partida da instituição de acolhimento, como se sentem estes jovens, que medos e incertezas os acompanham? Como foi vivenciar o processo do rompimento de mais um vínculo? E quanto às expectativas de ter sido adotado?

O podcast é uma mídia de grande engajamento, tem conquistado cada vez mais público. Fácil de produzir, de distribuição e consumo do radiojornalismo, para além das ondas hertzianas, utilizando os recursos da internet para impulsionar e divulgar conteúdos. A facilidade de acesso aliada à apresentação de um tema específico por programa tem tornado os podcasts populares. Entende-se, deste modo, que o podcast pode contribuir na propagação de narrativas humanizadas, lançar luz sobre discussões acerca das adoções necessárias, do

[Digite aqui]

acolhimento institucional, e promover a reflexão sobre a cultura de institucionalização, e o desacolhimento.

Para isso, a referência teórica é estruturada nos seguintes assuntos: rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermidiático (LOPEZ, 2011); podcast jornalístico (BUFARAH, 2020) e jornalismo literário (LIMA, 2008; PENA, 2006). No aspecto da adoção, nos apoiamos nos autores Gueiros (2005), Fonseca (2006) e Paiva (2004) Liberatti (2003), e Constantino (2000). Do ponto de vista teórico, a presente pesquisa contribui para construir um trabalho que reúne várias interfaces do jornalismo, tanto no narrar histórias como nos seus gêneros informativo e interpretativo, utilizando formatos como a reportagem, e a entrevista, pois o podcast é estruturado a partir de reportagens e entrevistas.

A construção do podcast foi feita com base em entrevistas em profundidade, propondo um mergulho nas histórias dos personagens (MEDINA, 1986). Além das entrevistas e da narração, para a construção dos episódios serão utilizadas marcas não verbais, como a trilha, a acústica, e efeitos sonoros.

Essa pesquisa é relevante, portanto, dada a escolha desse recorte para tratar o tema, que é pouco abordado pela mídia aberta; e também pela estratégia de utilizar o podcast, formato em expansão na atualidade, para narrar histórias de vida o produto desta dissertação busca abarcar o papel do jornalismo de trazer, sob perspectivas diferentes, temas que podem impactar a sociedade, e despertar um olhar mais humanizado através das histórias desses jovens a partir de suas próprias vozes. A pesquisa também busca demonstrar-se como original, pois busca trazer aspectos ainda não abordados em outros podcasts.

Descrevemos neste relatório, portanto, a construção de um podcast jornalístico intitulado “Des-acolhidos - Um podcast jornalístico sobre os desafios do desacolhimento institucional por maioria” que contém três episódios, a cada episódio discutimos um aspecto envolvendo a temática, no estado do Rio Grande do Norte, contando histórias com empatia, voz e escuta ativas, discutindo as políticas públicas e assistenciais a estes jovens.

Este relatório está focado em duas partes: 1-fundamentação teórica e 2 - relatório de pré-produção, produção e pós-produção do podcast. No primeiro capítulo, nomeado de “adoção e desacolhimento”, abordamos o que diz a lei sobre a adoção e sobre o acolhimento e “desacolhimento” institucional. Trazemos o ponto de vista jurídico, políticas e projetos de lei relacionados à adoção em Gueiros (2005), Fonseca (2006), Lúcia (2011), Paiva (2004) Liberatti (2003), e Constantino (2000).

No segundo capítulo, “Do rádio ao podcast: Caminhos para a narrativa sonora”, fazemos algumas reflexões acerca do podcast, destacando como o podcast pode ser considerado uma

[Digite aqui]

expansão do rádio. O podcast e o jornalismo e sua “sintonia”, expandindo as formas de atrair o público, a partir da diversidade de temas, linguagens e formatos, compreendendo o potencial do podcast para disseminar a informação e para dar voz a temas caros de debate. Discutimos também o lugar de referência do jornalismo na sociedade.

No terceiro capítulo, apresentamos o relatório, o roteiro de produção, e pós-produção dos episódios do podcast, produto desta pesquisa. E detalhamos o caminho trilhado para chegar ao produto, como também para a conclusão deste trabalho.

Por fim, as considerações finais apresentam as principais conclusões e reflexões a respeito desta experiência, compreendendo que, em seu sentido prático e enquanto um produto, a presente pesquisa contribui para trazer à tona a discussão de um tema pouco debatido na mídia aberta, em um formato em expansão e popularidade e colaborar com o conhecimento sobre o tema central do podcast na sociedade.

2. ADOÇÃO E ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Neste capítulo, fazemos uma breve apresentação do acolhimento e da adoção no Brasil, resgatando o que diz a lei a respeito do acolhimento institucional, como também do desligamento obrigatório aos 18 anos.

2.1 BREVE HISTÓRICOS DO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL

O acolhimento institucional por parte do Estado, não é uma ação nova. Diversos estudos históricos e sociológicos apontam que a proteção de crianças e adolescentes no nosso país é uma questão de mais de 400 anos (DEL PRIORE, 2010).

No século XVIII, os recém-nascidos eram deixados de forma anônima na chamada “rodas dos expostos” ou “roda dos enjeitados” mecanismos giratórios instalados nas paredes das Santas Casas de Misericórdia. A portinha giratória permitia que aquele que colocava a criança ali não fosse visto por aquele que a recebia. As crianças tinham pouca ou nenhuma convivência comunitária, eram completamente afastadas da família de origem e dificilmente retornavam ao convívio familiar, uma vez que na maior parte das vezes nem se sabia quem havia deixado a criança. Baptista (2006) que as primeiras rodas dos expostos em terras brasileiras foram em: Salvador (1726), no Rio de Janeiro (1738) e em Recife (1789).

A década de 1980 marca uma mudança significativa no contexto da institucionalização de crianças e adolescentes, principalmente decorrente da Constituição Federal de 1988, que coloca a criança e o adolescente como prioridade de proteção social e sujeito de direitos, assim como estabelecido no Art. 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Em consequência disso surge o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990), “esse novo aparato legal vem definir a ação social não só no plano material, mas colocando também a necessidade de atitudes e comportamentos em prol da emancipação da criança e do adolescente como sujeitos de direitos (FIGUEIRÓ, 2012, p.40)”.

O artigo 101 do ECA apresenta as seguintes medidas protetivas dirigidas à criança e adolescente

- I. - Encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade;

[Digite aqui]

- II. - Orientação, apoio e acompanhamento temporários;
- III. - Matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental; IV - inclusão em serviços e programas oficiais ou comunitários de proteção, apoio e promoção da família, da criança e do adolescente;
- V. - Requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial;
- VI. - Inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos;
- VII. - Acolhimento institucional;
- VIII. - Inclusão em programa de acolhimento familiar; IX - colocação em família substituta. (BRASIL, 1990)

Como descrito acima dentre as medidas protetivas previstas pelo ECA, está o acolhimento institucional, que consiste no afastamento da criança e/ou adolescente de seu núcleo familiar após comprovação de violação de direitos. Segundo o parágrafo 1º do artigo 101, o acolhimento é de caráter provisório e excepcional, não devendo se prolongar por mais de dezoito meses (BRASIL, 1990).

A lei 12.101/2009, afirma no artigo 19, que o período máximo de acolhimento passa a ser de dois anos seguindo a seguinte orientação:

§ 2º A permanência da criança e do adolescente em programa de acolhimento institucional não se prolongará por mais de 2 (dois) anos, salvo comprovada necessidade que atenda ao seu superior interesse, devidamente fundamentada pela autoridade judiciária.

Dados do Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento de 2020 mostram que os Motivos de acolhimento no Brasil são: 1. Negligência dos pais ou responsáveis – 30,7% 2. Abandono pelos pais ou responsáveis – 12% 3. Violência doméstica física – 9% 4. Violência sexual intrafamiliar – 6% 5. Uso de substâncias psicoativas pela criança ou adolescente — 5,3%.

Muito embora o tempo máximo de acolhimento estipulado por lei seja de que o tempo máximo não ultrapasse os dois anos, na prática a permanência de crianças e adolescentes em unidades de acolhimento se prolonga bem mais que isso. Ainda de acordo com o “Levantamento nacional das crianças e adolescentes em serviço de acolhimento”, 21,8% do público infanto-juvenil acolhido no Brasil permanece entre dois a cinco anos nas instituições. Em alguns casos, permanecem até que os adolescentes completem a maioridade nos serviços. Adolescentes de 13 a 18 anos representam 29% dos acolhidos, com maior concentração na

faixa etária dos 13 aos 15 anos de idade (20%). Destaca-se que nesta fase já há a preocupação com a possível permanência até a maioridade.

Outro dado significativo apontado pela pesquisa é que 5,5% de jovens egressos dos serviços de acolhimento permaneceram em serviços relacionados à Saúde Mental e Física, sendo a maioria (49%) em Comunidade Terapêutica e 33% em Abrigo para pessoas com deficiência mental e/ou física, para além dos 18,2% acolhidos em Residências Inclusivas.

Segundo o Censo SUAS 2019¹² Existem 3.181 serviços de acolhimento para crianças e adolescentes no Brasil, distribuídos em 2.010 municípios localizados nas cinco regiões do país, e 55% dos serviços de acolhimento para crianças e adolescentes do Brasil são governamentais, isto é, realizam atendimento direto das crianças e adolescentes acolhidos, com funcionários concursados e contratados para as funções e com uso de verba pública das três esferas do governo (Federal, Estadual e Municipal) para a gestão do equipamento do SUAS. Os demais 45% dos serviços de acolhimento são executados por Organizações Sociais (OSCs) ou Organizações Não Governamentais (ONGs).

2.2 ADOÇÃO

A prática da adoção existe no Brasil desde o período colonial e inicialmente estava relacionada à caridade. A primeira vez que o termo foi usado em nossa legislação foi no ano de 1828, e tinha como função solucionar o problema dos casais sem filhos. (PAIVA, 2004).

Com o passar dos anos e a evolução das leis relacionadas, o conceito de adoção foi passando por mudanças, assim como a prática em si. De acordo com Liberati (2003, p. 17), “A palavra adoção deriva do latim *adoptio*, que significa dar seu próprio nome a pôr um nome em; tendo em linguagem mais popular, o sentido de acolher alguém.”

A adoção é uma questão de responsabilidade e comprometimento com o próximo. É o ato legal e definitivo de tornar filho alguém que foi concebido por outras pessoas. É o ato jurídico, que tem por finalidade criar entre duas pessoas relações jurídicas idênticas às que resultam de uma filiação de sangue. É dar e garantir o direito constitucional à família, cuidados e proteção, e formação fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, fazendo total diferença em quem ele será no futuro.

Como trata Pereira (2016, p. 468), “A adoção é, pois, o ato jurídico pelo qual uma pessoa recebe outra como filho, independentemente de existir entre elas qualquer relação de parentesco consanguíneo ou afim”.

Art. 39 § 1o A adoção é medida excepcional e irrevogável, à qual se deve recorrer apenas quando esgotados os recursos de manutenção da criança ou adolescente na família natural ou extensa, na forma do parágrafo único do art. 25 desta Lei. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

Tal movimento evidencia a importância da mobilização da sociedade e do Estado para que as crianças e os adolescentes sejam vistos de forma indissociável do seu contexto familiar e comunitário e como sujeitos de direito. A escolha pela adoção ainda está muito ligada à infertilidade, ou pela busca por um filho que corresponda aos moldes da família biológica. Em consequência disto, o perfil escolhido pela maioria dos pretendentes é o de bebês e crianças de até dois anos de idade.

Alguns preconceitos e estigmas que permeiam essa escolha por um filho também determinam essa preferência por crianças menores, sem nenhum tipo de comorbidade ou doença e preferencialmente brancas. Dados do painel do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), recolhidos em janeiro de 2022, mostram que 6.275 pretendentes querem crianças apenas até os dois anos de idade, e dos mais de 32 mil pretendentes 25,2% deles optam por crianças brancas.

Em contraponto a isto, fica evidente que as crianças mais velhas e os adolescentes não correspondem ao perfil pretendido pelos adotantes, muito embora o número de crianças maiores de dois anos seja maior nas unidades de acolhimento institucional. Desse modo, tem-se um desafio: O incentivo as adoções necessárias de crianças com idades maiores, e o desligamento ou des-acolhimento institucional por maioridade, acarretado pelas adoções que não acontecem, sejam elas pela própria família de origem com a restauração e fortalecimento dos vínculos ou de uma família substituta.

2.3 DESLIGAMENTO OU DESACOLHIMENTO INSTITUCIONAL POR MAIORIDADE

O ECA prevê o acolhimento institucional como uma medida protetiva direcionada a indivíduos de 0 a 18 anos. Deste modo, o desligamento institucional deve ocorrer obrigatoriamente ao ser atingida a maioridade. Quando o laço com a família de origem não é restaurado, uma nova família não chega, e quanto mais a criança ou adolescente “cresce”, menores são as chances de reinserção em família substituta, principalmente diante das expectativas exigidas pelos pretendentes de adoção, tais como idade, cor, sexo. Alguns chegam às casas de acolhimento já fora da faixa requerida pela maior parte dos pretendentes, o que acaba resultando em longos anos nas instituições.

Como afirma Goes “crianças e adolescentes que não foram reintegrados a sua família de origem e também não encontraram pretendentes interessados em adotá-los – tornando a

institucionalização uma medida protetiva privilegiada que tende a se estender por muitos anos e, via de regra, costuma culminar “naturalmente” no des-acolhimento de adolescentes com o alcance da maioridade”. Goes (2019, p. 62).

Com a proximidade do desligamento institucional o esperado é que as instituições se preparem para este momento. Com o fortalecimento da autonomia destes jovens, preparação para autonomia emocional, financeira, assim como também sua profissionalização e inserção no mercado de trabalho, auxiliando e encaminhando para providenciar documentação necessária para inserção no mercado de trabalho, como a construção de currículo, por exemplo.

Ações como estas já previstas no projeto político-pedagógico dos serviços de acolhimento, são de fundamental importância, para que os jovens possam enfrentar o novo contexto, a inexistência de políticas públicas voltadas a estes jovens que estão prestes a atingir a maioridade, os colocam numa situação de desamparo frente à nova etapa da vida fora das unidades de acolhimento.

Como evidenciado por (GOES, 2019) “A saída do serviço de acolhimento, sem preparo e baseada na cronologia do alcance da maioridade, demonstra que os adolescentes saem de um sistema protetivo e são lançados para um “abismo” de abandono, tornando-se invisíveis para o Sistema de Garantia de Direitos”

Attingir a maioridade é um marco na vida de um jovem, encerra simbolicamente o turbilhão de transformações da adolescência, dando início a uma nova estação. Embora esta fase seja regada de muita euforia, a forma como a transição para a vida adulta acontece se reflete no processo de amadurecimento, e perspectivas futuras. Essa transição para jovens institucionalizados é marcada pela questão de completar os 18 anos e serem desligados do sistema que antes os protegiam e abrigava, e muitos completam a maioridade sem condições para uma vida independente. Com a deficiência ou ausência de políticas públicas de suporte, estes passam para uma situação de desamparo legal, econômico e afetivo.

Enquanto jovem, mãe, jornalista e pesquisadora, penso nos jovens que são alvo desta pesquisa: aqueles que não tiveram o devido preparo e proteção do estado ou de suas famílias e que se viram sem condições financeiras, amparo e referências para enfrentar os desafios dessa nova fase da vida que exige autonomia e protagonismo.

Conhecer, ainda que de modo “limitado” o sistema de acolhimento institucional, onde residem as crianças e adolescentes que estão aptas à adoção, e o desligamento institucional me fez pensar sobre como esses cidadãos brasileiros merecem atenção e um acompanhamento mais profundo por parte da Vara de Infância e Juventude e o quanto ter um suporte é importante. E portanto, busca-se através do podcast jornalístico, que será produto deste trabalho, conhecer

[Digite aqui]

como as pessoas que atingem a maioridade sem ter sido adotadas enfrentam a nova realidade fora das instituições de acolhimento. Defendo a necessidade de políticas públicas destinadas à assistência de jovens recém-egressos do sistema de acolhimento institucional e que a ausência delas pode gerar danos a estes, além de oferecer situações de risco, como a rua, o tráfico e a prostituição (Constantino, 2000). Tornando, portanto, necessário, no que tange ao papel de comunicar, problematizar e lançar luz sobre temas necessários à discussão em sociedade, como o desligamento institucional por maioridade.

2.4 ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL NO RIO GRANDE DO NORTE

No município de Natal, cidade com 896.708 habitantes (IBGE,2021), onde acontece a parte prática desta pesquisa, as unidades de acolhimento institucional são divididas em duas modalidades: Casas de acolhimento e as casas lares das Aldeias Infantis SOS Brasil. A primeira é regida pela Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (SEMTAS) e a segunda pela ONG SOS Brasil. A partir de 2009, com a lei 12.010/2009, os antes nomeados abrigos passaram a ser nomeados de casas e/ou unidades de acolhimento.

As casas de acolhimento ou casas de passagem, como também são conhecidas, têm seu funcionamento de maneira ininterrupta (24h), com cuidadores trabalhando em plantões de doze horas. De acordo com o descrito no plano municipal de assistência social. São ofertadas três Unidades de Acolhimento Institucional divididas por faixa etária, sendo a Unidade 1 para crianças de 0 a 6 anos, a unidade 2 para crianças de 6 a 12 anos e a unidade 3 para adolescentes de 12 a 18 anos incompletos. Para a modalidade Casa Lar, há um convênio com as Aldeias Infantis, para execução do serviço por meio de oferta de 3 (três) unidades.

O Serviço é de caráter provisório e excepcional para crianças e adolescentes, incluindo as portadoras de deficiências, sob medida de proteção (Art. 98 do Estatuto da Criança e do Adolescente) e em situação de risco pessoal e social, cujas famílias ou responsáveis encontram-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção.

Como o acolhimento institucional no município é dividido por faixa etária o que indica que as crianças e os adolescentes que não se inserem no perfil de adoção e cuja reinserção familiar não se apresenta como uma possibilidade a curto ou médio prazo, muitas vezes, são transferidos de uma instituição a outra, ao mudarem de idade. Essa mudança dificulta o estabelecimento de vínculos, como também o sucessivo rompimento de vínculos estabelecidos em cada unidade.

As casas lares funcionam de maneira semelhante às casas de acolhimento. No entanto, são geridas pela Aldeias infantis SOS Brasil, uma organização humanitária sem fins lucrativos,

fundada por Herman Gmeiner em 1949, na Áustria. A organização está presente hoje em 135 países e atua no Brasil há mais de 50 anos.

No Rio Grande do Norte, a organização está presente nas cidades de Caicó, Mossoró e Natal. Na capital do Estado, as Aldeias funcionam como unidades de acolhimento desde 2010, compostas por 3 casas, constituídas de 9 a 10 crianças e adolescentes com idade estimada entre 0 a 17 anos. As aldeias contam também com incentivos e apoio da Prefeitura Municipal. Diferente das casas de acolhimento, na aldeia quem fica responsável pelas crianças é uma cuidadora residente, denominada de “mãe social”.

A chamada “mãe social” conta com o apoio de outras mães sociais que revezam entre si e uma equipe técnica também composta por assistente social, psicólogo e o coordenador que gere a parte administrativa, eles ficam localizados em um escritório fora das casas, mas que podem ser acionados quando a mãe social achar necessário.

Estas instituições, como as citadas anteriormente, responsáveis por este tipo de serviço, é um espaço de proteção reconhecido pela lei, como sendo de caráter provisório em que crianças e adolescentes lá inseridos deverão ter seus direitos preservados até que possam retornar às suas famílias de origem ou colocados em família substituta.

É importante destacar também que as entidades de acolhimento, sejam elas Casas de acolhimento ou casas lares, gerenciadas pelo município ou por ONGs devem atender de acordo com o ECA e a Lei 12.010, e as orientações para os serviços de acolhimento do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, o CONANDA. Mesmo que sigam tais determinações e sejam representações do Estado, essas casas possuem diferenças na forma do cuidado e proteção ofertados.

De acordo com dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento, consultados em fevereiro de 2022, o estado do Rio Grande do Norte possui atualmente 227 crianças e adolescentes acolhidos, 46 disponíveis para adoção, 30 em processo de adoção, e 380 pretendentes habilitados. Os dados mostram também que há 25 crianças e adolescentes, 11 meninas e 13 meninos, disponíveis para adoção e não vinculadas, e que estão acolhidas entre 2 e 3 anos.

Dentre os acolhidos, 18 deles, 9 meninas e 9 meninos estão acima dos 15 anos de idade, esses dados mostram que a provisoriedade do acolhimento institucional apontada em lei, nem sempre é respeitada ou revista, gerando longas permanências nas unidades de acolhimento institucional.

3. DO RÁDIO AO PODCAST - CAMINHOS PARA A NARRATIVA SONORA

Ao longo dos 100 anos desde que o rádio chegou ao Brasil como veículo de comunicação, ele vem se reinventando. Com a chegada da internet comercial se ampliaram as possibilidades de produção e escuta. As audiências antes segmentadas atingiu outros nichos. O rádio agora não é mais apenas ouvido, mas, também visto. Nos sites das emissoras de rádio, os estúdios começaram a ser vistos ao vivo. Na internet qualquer emissora do mundo pode ser ouvida, assim como também expandir sua programação para o site e as redes sociais.

E hoje se reinventa, a partir do digital, com novos modos de produção, circulação, suporte, diante dos serviços de streaming, plataformas de música e dos dispositivos móveis. Agora é possível potencializar a forma de contar histórias fora dos meios tradicionais de emissão. Assim como coloca Kischinhevsky “Relegado a um papel de coadjuvante desde a popularização da TV, o rádio renasce amalgamando-se à rede mundial de computadores e às redes de telefonia móvel, encontrando novos e diversificados canais de distribuição” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 13).

3.1 O RÁDIO EXPANDIDO E CONVERGENTE

A evolução do rádio está diretamente relacionada às mudanças pelas quais passaram a tecnologia e os dispositivos de transmissão e consumo de informação. O grande móvel que ocupava lugar de destaque nas residências, passou a ser portátil, mudou de tamanho, foi para dentro dos carros, smartphones, sites, ganhou mobilidade. Suas características foram ampliadas e potencializadas pela internet, ele se expandiu para a era dos *bytes*.

O rádio agora está a um clique de distância, programas que antes podiam ser ouvidos ao vivo, e em horários marcados de acordo com a grade de programação das emissoras, agora podem ir mais longe, romper fronteiras e ser ouvidos a qualquer dia, hora e lugar e para além das ondas hertzianas. “rádio foi forçado a se reinventar mais uma vez e, surpreendentemente, mostrou maior capacidade de reação do que outros meios de comunicação” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 13).

Hoje, estamos diante de um panorama de convergência, no qual a difusão de conteúdos sonoros se realiza a partir de diferentes plataformas, e por intermédio de diferentes tecnologias, tais como smartphones, notebooks, plataformas de streamings, distribuição de conteúdo multimídia via internet, fazendo com que extrapole o meio de comunicação em si, bem como o suporte ao qual está vinculado

Débora Lopez (2011, p. 02) afirma que a convergência é um processo que transforma a

[Digite aqui]

rotina das pessoas, gerado pelo aperfeiçoamento de diversas tecnologias, como também do surgimento de novas tecnologias. “[...] a convergência pode ser entendida como um processo gerado pelo aperfeiçoamento de diversas tecnologias, ou ainda, pelas novas ferramentas tecnológicas oferecidas todos os dias”. Sendo assim, mídias tradicionais se fundem às digitais, fazendo com que os conceitos pareçam se mesclar. E através das novas e constantes aperfeiçoamentos das tecnologias digitais as formas de interação entre ouvinte e emissora se ampliam.

Diante desse contexto, Kischinhevsky (2016, p. 13) define o rádio na contemporaneidade como “um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música. A escuta se dá em FM, AM, celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks e tablets”.

Dessa forma, pretende-se aqui pensar o rádio como um meio que extrapola as ondas hertzianas e, expandido, está presente no aparelho tradicional, mas também nos dispositivos móveis, nos inúmeros portais da internet, nas redes sociais, nos aplicativos, entre outros espaços de escuta ao vivo ou sob demanda. O rádio expandido, aquele que transbordou e pode ser ouvido em diferentes plataformas.

A expansão do conteúdo sonoro para além das ondas hertzianas quebrou a barreira do tempo imposta pela instantaneidade do rádio e permitiu ao ouvinte ter a gerência do áudio para ouvir quando e onde quiser, a qualquer momento e em qualquer lugar basta conectar-se com a Internet para serem ouvidos sob demanda, e no meio que lhe for mais acessível: celular, notebook, computador, etc. Além disto a inserção em dispositivos multiplataforma permitem ao rádio estar mais próximo da audiência. Desse modo, corrobora Kischinhevsky:

Circunscrever o rádio às ondas eletromagnéticas é condená-lo a um papel cada vez mais secundário diante do crescimento da internet comercial e do processo de convergência de mídias. No início do século 21, escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas também na TV por assinatura, via cabo, micro-ondas ou satélite, em serviços digitais abertos e por assinatura, e via internet, de múltiplas formas. (KISCHINHEVSKY, 2012a, p. 48)

As novas perspectivas que surgiram com a evolução tecnológica apresentam novos formatos para consumo do áudio, um deles é o podcast, que é produto desta pesquisa. Se o rádio buscava uma forma de rejuvenescer sua audiência e de expandir, encontrou nesse novo formato uma fonte de possibilidades para torná-lo o que quiser.

Embora o podcast tenha nascido no âmbito da cibercultura, e possua diferenças em relação ao rádio, como coloca Carvalho (2014), é possível observar elementos da linguagem radiofônica como uso de trilha musical e efeitos sonoros. Luiz Artur Ferraretto (2010) coloca

[Digite aqui]

em seu artigo “Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21”, que a característica principal comum ao rádio e ao podcasting, é a simultaneidade, a possibilidade do usuário ouvir podcast e ficar por dentro das notícias enquanto executa outras tarefas, permitindo que o ouvinte não apenas consuma a programação, mas possa otimizar seu tempo, escolhendo, o que quer ouvir, como e onde quiser.

O podcast é um formato plural e multifacetado, que possibilita tratar diversos assuntos de maneiras distintas. Tem podcast para informação, entretenimento, entrevistas, mesas redondas. Além da variedade de conteúdos sonoros, a possibilidades de brincar com a linguagem de modo mais informal e com os recursos sonoros. Como corroboram Herschmann e Kischinhevsky,

Certamente, um fator de sedução é a ausência de regras rígidas nos podcasts. Não há padrões de locução ou restrições em termos de linguagem e temas abordados. A principal hierarquização se dá por meio dos diretórios, que, muitas vezes, classificam as emissoras a partir de rótulos preexistentes, com ancoragem nas rádios convencionais. (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008, p.101).

No podcast, a linguagem pode ser mais informal e sem regras de locução. Os temas são os mais abrangentes possíveis: Política, TV, música, literatura, esporte, educação, religião, acontecimentos do dia, games, economia, séries, novelas e mais uma infinidade de assuntos que quiser falar.

3.2 CAMINHOS DO PODCAST

Dados da Associação Brasileira de Podcasters (Pod PESQUISA 2020)⁵, revelam que o Brasil tem cerca de 34,6 milhões de ouvintes de podcast, cerca de 8% da população seja de “ouvintes-leitores(as)” podcasts no Brasil.

Mesmo que considerado uma mídia nova, o *podcast* existe há mais de 10 anos. O termo foi criado em 2004 pelo radialista e apresentador de televisão estadunidense Adam Curry que criou o primeiro agregador de *podcasts*. A palavra *podcast* é junção de Pod – “Personal On Demand” (pessoal sob demanda), com broadcast (radiodifusão).

Não existe um consenso entre os autores a respeito da definição exata de *podcast*. Para Primo (2005, p. 1) “podcasting é um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet”. Já Assis (2014 p. 29) afirma que o podcast é um arquivo de mídia em formato de áudio que pode ser compartilhado através da internet:

O podcast pode ser definido brevemente como um arquivo de mídia, tradicionalmente um arquivo de formato de áudio, transmitido via podcasting. E podcasting pode ser definido como uma forma de transmitir arquivos digitais, através da internet, utilizando a tecnologia feedRSS e um agregador. Mas essa nova definição nos apresenta novos conceitos que precisamos ainda definir para poder compreender o que seria um podcast (ASSIS, 2014 p. 29).

De modo geral, podemos dizer que os podcasts são programas de áudio, que têm forma de distribuição atemporal, e podem ser ouvidos onde e quando o usuário quiser, seja por meio de um smartphone, tablet, computador, ou no carro durante o trajeto para o trabalho e outros deslocamentos. Esse exercício de liberdade que o podcast oferece é uma boa forma de mostrar ao usuário o poder de suas ações e decisões. Ouvir um podcast não é como ouvir uma rádio: “o que será que está passando?”, mas é uma ferramenta criativa: “vou ouvir o que eu quero” e quando quero. (FRANCO, 2009).

Os podcasts dispõem de um modelo assíncrono de distribuição de conteúdo, proporcionam novas vivências de escuta. A comunicação com quem está ouvindo não se estabelece no mesmo tempo e espaço em que está sendo gravada. Diferentemente do Rádio, em que a cobertura e distribuição de conteúdo sonoro jornalístico é ao vivo, e não podem ser repetidos.

Os conteúdos de áudio agora podem ser produzidos sem a velocidade da produção “*hard news*”, assim como ser ouvidos à conveniência do ouvinte. Ou seja, uma “*xperiência* midiaticizada de escuta” com práticas de acesso a conteúdo em áudio cada vez mais tecnológicas por meio de plataformas online e dispositivos móveis (PLUSKOTA, 2015).

O podcast é uma mídia sonora que possui um sistema de transmissão baseado na tecnologia RSS (Rich Site Summary ou Really Simple Syndication). Com disponibilidade de acesso, a capacidade de escolha entre as temáticas variadas, e multiplicidade de abordagem e a possibilidade de personalização, basta encontrar um *podcasting* favorito em algum aplicativo, plataforma de *streaming*, veículo de comunicação ou website e desfrutar.

O podcasting funciona através de um sistema geralmente gratuito de assinaturas, no qual um software de rastreamento e atualização automática (que funciona através do sistema RSS – Real Simple Syndication, já utilizado para arquivos de texto) garante que o usuário esteja sempre em dia com os novos lançamentos (CASTRO, 2005 p.6).

O podcast é um formato plural e multifacetado, que possibilita tratar diversos assuntos de maneiras distintas, brincando com a linguagem e os recursos sonoros. Como corroboram Herschmann e Kischinhevsky:

Certamente, um fator de sedução é a ausência de regras rígidas nos podcasts. Não há padrões de locução ou restrições em termos de linguagem e temas abordados. A principal hierarquização se dá por meio dos diretórios, que, muitas vezes, classificam as emissoras a partir de rótulos preexistentes, com ancoragem nas rádios convencionais. (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008, p.101)

O podcast possibilita essa flexibilização na rotina, com temáticas diversas, abordagens, diferenças de duração, o ouvinte pode escolher qual conteúdo consumir, no horário que preferir. É possível acompanhar um episódio enquanto dirige, cozinha, no horário de descanso, enquanto estamos na espera de algum compromisso. Além disso, os programas têm vida longa, pois ficam disponíveis para download indefinidamente. Podem ser baixados e executados pelo usuário a qualquer momento, quantas vezes ele quiser.

Primo (2005) afirma que no podcasting, a sincronia, típica dos meios de massa, é quebrada, pois o tempo de produção e publicação não é mais em tempo real. No podcast, o ouvinte pode ir em busca da informação que deseja. Os programas têm vida longa, pois ficam disponíveis na internet, e podem ser escutados pelo usuário no momento em que desejarem.

Para Carvalho (2011), essa autonomia, gerada pelo podcast, ocorre pelo poder de escolha dos ouvintes, de poderem fazer download do arquivo de áudio para ouvirem quando e quantas vezes quiserem, sem precisar se prender a um horário específico como no rádio tradicional.

Isso pode significar a possibilidade de criação de produtos sonoros diferenciados, mais extensos ou de conteúdos mais densos, antes evitados no meio radiofônico, pois o momento e a forma de recepção/interação com o produto midiático são escolhidos de acordo com a disponibilidade e conveniência do ouvinte usuário (CARVALHO, 2011, p. 5)

Bonini (2020) classifica como a “segunda era do podcasting”. O momento atual, de acordo com ele, esse “boom” dos podcasts começou nos Estados Unidos, em 2012, e se caracteriza pela transformação do podcast em uma prática produtiva comercial e em um meio de consumo massivo.

O podcasting deve ser visto como um meio digital massivo em si, não como uma alternativa à radiodifusão, nem como uma renovação de sua forma, com novos mercados emergentes e modelos de negócios, bem como um crescente número de ouvintes e produtores. Devemos dedicar tanta atenção a ele quanto prestamos a outras mídias baseadas em som, enquadrando-o no âmbito de categorias bem estabelecidas de estudos de mídia, culturais e de economia política crítica. (BONINI, 2020, p. 23)

Conforme dados da PodPesquisa feita pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) 2020/2021, são 34,6 milhões de ouvintes de podcast no Brasil, praticamente 8% da população. Outro estudo mais recente lançado em outubro de 2020 o “Inside Radio” realizada pelo Kantar

Ibope e que reúne insights sobre os perfis e comportamentos dos ouvintes, o buzz do meio nas redes sociais, os novos formatos de áudio, as novas formas de consumo revelou que os podcasts conquistaram 24% dos ouvintes durante o período de distanciamento social provocado pela pandemia de Covid-19. Isso demonstra que o podcast ganha cada vez mais popularidade e vive um momento de expansão no país, indicando que o jornalismo está se apropriando desse novo formato, conforme discutiremos a seguir.

3.3 PODCAST E JORNALISMO: RELAÇÕES E POSSIBILIDADES DE UM FORMATO EM EXPANSÃO

Ao longo do tempo o jornalismo esteve sempre acompanhando e registrando as mudanças no mundo, com o avanço da internet e da tecnologia, surgem novos formatos de produção e de distribuição de conteúdo jornalístico. Um exemplo disto é o podcast, em crescente popularização, que traz a proposta de levar informação em conteúdo sonoro, e viabiliza conhecimento produzido por atores sociais com interesses diversos entre si.

Nesta pesquisa defendemos a utilização do podcast como proposta para o jornalismo, e que essa mídia é uma porta de acesso para o jornalismo como uma “nova” maneira de informar, como um produto jornalístico que o impulsiona, que reforça ou reinventa o fazer jornalístico, que auxilia o jornalismo a se desenvolver utilizando um veículo que é a cara do Brasil, já que somos um país com uma tradição de oralidade e de rádio, fazendo assim uma combinação perfeita.

Conexões entre o podcasting e o jornalismo, revelam potencialidades imersivas de narrativas em mídias sonoras, e da diversidade jornalística de contar histórias. Ao refletir sobre a estruturação do podcast jornalístico, Bufarah (2020) registra como os diferentes gêneros e formatos do radiojornalismo estão sendo reproduzidos e criados no podcast.

Se o objetivo é fazer com que o público se sinta próximo à história, a sensação de intimidade já está enraizada nas produções radiofônicas e também pode ser sentida nos podcasts. O podcast possibilita levar o ouvinte a um mergulho profundo em temas que não ganham destaque nas produções midiáticas tradicionais ou instigar os debates de pautas em destaque no cenário nacional ou internacional.

Além disso, o fomento ao jornalismo independente, reflexivo e crítico é de grande relevância neste novo formato, fazendo com que eles despontem como um caminho certo para atingir (e fidelizar) consumidores de conteúdo através do áudio. Compreendendo o potencial do podcast para disseminar a informação jornalística em tempos de convergência,

[Digite aqui]

além da possibilidade das pessoas poderem escutar enquanto realizam outras atividades.

Herschmann e Kischinhevsky (2007), afirmam que por ter baixo custo para produção, e as facilidades oferecidas pela internet para a produção, o podcast se torna acessível a qualquer pessoa. Há 17 anos Lemos (2005) já afirmava sobre o potencial e facilidade de produção do podcast, segundo ele qualquer internauta - equipado com um microfone e softwares de edição de som - pode gravar um áudio, salvar como arquivo de som e depois torná-lo disponível em sites indexados em agregadores RSS. Possibilitando que cada ouvinte se tornasse também um produtor.

O podcast jornalístico apresenta facilidade em alcançar mais pessoas através da internet e a oportunidade de conquistar novas audiências, como públicos mais jovens. “[...] é um formato muito eficiente para comunicar e engajar um público. Sua linguagem, mais informal, aproxima o jornalismo de quem consome notícia, permite apresentar quem está por trás daquela criteriosa produção. É um formato complementar a outras mídias” (NOBRE, 2019, online).

Em tempos de hiperconectividade, as pessoas estão acessando cada vez mais conteúdos via smartphone, e o jornalismo precisa acompanhar e se manter ativo, onde as pessoas estão, é dentro deste contexto que o podcast através das plataformas de streaming ganha força. Ele se apresenta como um formato de produção e entrega de conteúdo em uma plataforma e se apropria para a construção de conteúdo com uma linguagem menos engessada, maior liberdade de temas e formas de abordagem, alcançando outros públicos, com a facilidade de acesso, e a mobilidade de consumo.

O podcast consegue despertar interesse e alcançarum público mais jovem, diferente daqueles que acompanham as mídias tradicionais. Uma pesquisa divulgada pela revista Piauí, em maio de 2019, mostrou que os principais interessados em podcasts tem média de 35 anos.

O podcast como produto jornalístico ganhou força e popularidade nos últimos anos e se transformou em uma realidade bem estruturada, ao ser incorporado à programação de grandes veículos de comunicação, jornais tradicionais e de grande circulação no país como a Folha de São Paulo, que em 2018 lançou o "Ilustríssima conversa" feito em parceria com Itaú Cultural e que entrevista autores de livros de não ficção ou de pesquisas acadêmicas. E outros podcasts como Ao Ponto, de O Globo; Estadão Notícias, do Estadão; O Assunto, do G1; Durma com Essa, do Nexo; Café da Manhã e Boletim Folha, da Folha de S. Paulo são alguns dos diversos projetos do gênero jornalístico.

Outro exemplo é a Rede Globo que expandiu sua atuação área de podcasts com a entrada dos programas no Globoplay e a criação de novos produtos e parcerias com produtores

[Digite aqui]

independentes como a B9 uma das maiores produtoras de áudio do Brasil.

Desde o formato com notícias do dia, abordando os principais temas do Brasil e do mundo, às narrativas mais aprofundadas e elaboradas, os podcasts jornalísticos representam a diversidade de formas de contar histórias, e as múltiplas possibilidades e linguagens para levar a informação ao público, sendo possível testar vários formatos. Características como pluralidade de fontes e de canais de informações, associada a valores como atualidade, interesse público e verdade, contribuem para assegurar o papel social do jornalismo na sociedade (MELO, 2006). E esses princípios são levados em conta na produção dos podcasts Jornalísticos de grandes redes de mídia como a rádio CBN, o jornal o globo, G1, B9, Folha de São Paulo, Nexo.

O cenário convergente no qual o jornalismo está inserido, que valoriza as diferentes formas de consumo da notícia, encontra no podcast alcance, pela novidade, pela clareza do pacto de conteúdo quando se fala em podcast, e pela diversidade de formatos que engloba. Entrevista, mesa redonda, debate, reportagem etc. É possível consumir notícias de todos os gêneros, acompanhar discussões sobre determinados temas, saber dos fatos mais importantes do dia, ou sobre personalidades diversas. Deste modo se tornou mais fácil captar uma audiência qualificada, que esteja interessada em consumir determinado conteúdo por meio de áudio.

3.4 PODCAST, JORNALISMO LITERÁRIO E STORYTELLING

Os podcasts despontam como um caminho eficaz para atingir (e fidelizar) consumidores de conteúdo, como também para levar informação, tratar e aprofundar sobre temas diversos, levantar discussões, eles estimulam o imaginário e a capacidade de identificação do ouvinte com o produto. Cada podcast tem sua média de tempo, que varia de acordo com o formato, o tema ou quantas pessoas estão participando da produção. Alguns são mais curtos e outros duram mais de uma hora, a construção das narrativas e a produção dos programas são focados no perfil dos ouvintes e no tipo de conteúdo.

Como um podcast se propõe a analisar com mais profundidade temas tanto do nosso cotidiano, quanto assuntos que são pouco explorados por outras mídias, lançando luz sobre discussões necessárias, ou com uma roupagem nova. Não é difícil imaginar que o jornalismo literário também passou a fazer parte disto.

Como coloca Martinez (2009, p.71), “o jornalismo literário é um gênero fronteiro, que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos, como levantamento de informações, para produzir um texto bem apurado e escrito”. Um podcast te leva para dentro do acontecimento usando os sons, técnicas jornalísticas e ao contar histórias do cotidiano em forma [Digite aqui]

literária, profunda e humanizada, utilizando a narração com efeitos sonoros para imersão do ouvinte.

Os podcasts narrativos apostam na valorização das histórias e de seus personagens, dando a possibilidade de contar histórias reais de outras pessoas pelo ponto de vista delas e lhes dando voz. É o caso de produtos como, o podcast “Vozes” da Rádio CBN e apresentado pela jornalista Gabriela Viana, que busca trazer histórias e reflexões e conectar as pessoas às experiências umas das outras. Justamente o que se busca com o produto deste relatório. Através da narrativa, promove-se a persuasão da informação, empatia através da voz, com o compartilhar e comentar impressões pessoais, explorando, por meio de sons e da palavra falada, sussurradas intimamente, cativando o ouvinte e fazendo com que se identifique com a história que está ouvindo, com uma possível adaptação do jornalismo literário para as mídias sonoras.

Kischinhevsky explica sobre o caráter narrativo e o fundo jornalístico na construção das histórias desse formato de podcast.

O uso da primeira pessoa é recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos. (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79)

Lima (2008) apresenta dez características do jornalismo literário: exatidão e precisão, responsabilidade ética, imersão, humanização, contar uma história, estilo próprio e voz autoral, criatividade, compreensão, simbolismo e universalização temática. A partir dessas características, entende-se que o texto do jornalismo literário portanto, deve-se apoiar nos seguintes preceitos chamado de estrela de sete pontas: “potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes ‘burocráticas do lide’, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos” (PENA, 2006, p.58).

A arte de contar histórias de forma humanizada, com visões e vozes amplas, encontra em outra técnica um lugar de encontro e de relevância do conteúdo jornalístico. A técnica *storytelling*, é definida pelo dicionário Cambridge como “a atividade de escrever, contar ou ler histórias” Cunha e Mantello (2014, p. 58) apresentam o que compreendem como storytelling:

[...] constitui uma técnica para narrar fatos como se fossem histórias. Ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia, seja ela impressa ou audiovisual, para que ele se identifique com o relato e goste do texto jornalístico como apreciaria um texto mais elaborado, propriamente literário ou poético. (CUNHA E MANTELLO 2014, p. 58)

[Digite aqui]

Viana (2019, p.8) aponta que algumas “características provenientes do rádio contribuem para potencializar o uso do *storytelling* em narrativas de podcasts” Dentre as quais, destaca: 1) A sua essência baseada na linguagem sonora, que recorre frequentemente à descrição dos fatos, lugares e pessoas; 2) O caráter sinestésico da narrativa radiofônica; e 3) O interesse por histórias humanizadas. A autora destaca ainda que “o *storytelling* usado no jornalismo traz as características da humanização de narrativas, recorrendo ao encadeamento dos fatos voltado para o envolvimento do contar histórias, aliado à transmissão da informação” (VIANA, 2019).

No podcast narrativo, a forma como o conteúdo será apresentado faz toda a diferença para manter a atenção do público, a história precisa ser contada de forma cativante, inserindo essa narrativa das histórias reais, com verdade e humanização, permitindo, assim, que o ouvinte crie algum tipo de conexão com a história ou notícia narrada, se interessando e engajando com o conteúdo. Deste modo, o *storytelling* usado no jornalismo traz as características da humanização de narrativas, o encadeamento dos fatos voltado para o envolvimento do contar histórias, aliado à transmissão da informação. Busca-se tocar os sentimentos e despertar a consciência do ouvinte acionados pela humanização do relato e pela forma como os personagens são representados, e, por fim, oferecendo uma nova configuração para o fazer jornalístico.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa, quanto aos objetivos, estrutura-se como exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Segundo Gil (1991) a pesquisa descritiva tem o objetivo “a descrição das características de determinada população ou fenômeno”, sendo de abordagem qualitativa pois de acordo com Triviños (1987), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto.

[...] E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas, etc. (TRIVIÑOS, 1987, p.132).

Para a coleta de dados necessários à construção do podcast “Des-acolhidos”, optou-se por uma pesquisa de levantamento, por meio de entrevistas, algumas realizadas pelo telefone e pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, e algumas de forma presencial, conforme detalhamos nas páginas a seguir.

Na submissão do projeto de pesquisa ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2019, a intenção inicial era criar um livro reportagem, com base na experiência que já havia tido na graduação. Mas, conversando com minha orientadora Patrícia Monteiro, ela sugeriu que poderíamos optar por um outro caminho, e escolher um produto que abarcasse a proposta e o tema que eu queria desenvolver, com a oportunidade de dar voz, por meio da mídia sonora, às fontes da pesquisa. Ela sugeriu a realização de um podcast, produto que está em forte expansão na atualidade, conforme já discutimos anteriormente.

Como eu tenho uma paixão antiga pelo rádio, já fui estagiária numa rádio, e conhecia um pouco sobre produção em áudio, aceitei, com entusiasmo, a proposta dela, e minha cabeça girou 360° com esse novo produto e milhares de ideias foram surgindo. A partir disso, propusemos ao PPJ/UFPB produzir um podcast jornalístico que mesclaria elementos do jornalismo literário e do rádio, em que, a cada episódio seriam contadas histórias ligadas a temática do acolhimento e desacolhimento institucional. Particpei de eventos nacionais para buscar atualização sobre o tema e apresentei trabalho nessa área.

O caminho teórico foi um pouco mais árduo, pois as leituras e autores que passei a ter contato dentro deste universo do podcast como uma expansão do rádio, foram novos para mim e diferentes daqueles que estava acostumada, desde a graduação, dentro do tema do livro reportagem.

[Digite aqui]

Baseamo-nos em alguns podcasts jornalísticos para a construção do produto jornalístico em questão. O podcast *Vozes*, da rádio CBN, em formato de jornalismo narrativo, que reflete sobre diferentes perspectivas um mesmo tema, e conta boas histórias com empatia; e o podcast *Mamilos*, produzido pela empresa B9 apresentado pelas publicitárias Juliana Wallauer e Cris Bartis, que busca fazer um jornalismo franco e acolhedor, tratando temas com profundidade, ouvindo especialistas e personagens para ouvir várias visões possíveis.

Existem outros podcasts com episódios que falam sobre adoção e que abordam o tema, como o *Vozes*, o *Mamilos*, o *Assunto do G1*, e um especificamente sobre adoção que é o *Adoção Brasil*, mas buscamos na construção deste produto tratar o tema da adoção pelo recorte específico da desacolhimento insitucional por maioria e os desafios do rompimento deste ciclo.

4.1 Pré-produção

A motivação para a construção do podcast, começou em 2018, na graduação em Jornalismo, durante a execução do trabalho de conclusão de curso (TCC), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que buscou conhecer o cenário da adoção no estado potiguar. O TCC, defendido no mês de dezembro do ano 2018, resultou em oito reportagens em profundidade que compõem o livro-reportagem “Elos e Laços - um retrato da adoção no Rio Grande do Norte” (SILVA, E OLIVEIRA 2018).

Durante a produção do livro “Elos e Laços”, um dos aspectos que mais chamaram minha atenção foi a questão da maioria atingida dentro do espaço de acolhimento institucional, e o desligamento após atingir a maioria.

A realidade dos adolescentes que nunca vieram a ser adotados, e que são desacolhidos ao completarem 18 anos, soou como alarmante para mim. As emoções, dificuldades e angústias deste processo são muitas. Produzir algo abordando como eles enfrentam a nova realidade fora das instituições de acolhimento, ouvindo das fontes, por meio de entrevista jornalística, quais as angústias, receios e perspectivas e, por meio dessa escuta atenta, e resgatando histórias de vida, é uma oportunidade de poder compartilhar com a sociedade em geral sobre esse tema, e exercer o papel do jornalismo de dar voz e de contar histórias.

A temática principal do produto é adoção e acolhimento institucional, mas para a construção deste trabalho, precisamos abordar e trabalhar várias áreas, tanto noções de rádio expandido, podcast e o formato ‘storytelling’, como do Serviço Social, o Direito, a legislação relacionada ao acolhimento institucional. Unir várias áreas e convergir assuntos é um dos dons e nuances do jornalismo. Foram feitas pesquisas na mídia aberta do estado do Rio Grande do [Digite aqui]

Norte, para ver a cobertura do assunto, e em textos acadêmicos e isso reforçou o interesse pois mostrou a ausência de cobertura do tema sob estas perspectivas mais específicas dos desacolhidos.

Algumas das fontes escolhidas para compor cada episódio do podcast, eu já conhecia da época do TCC, e outras tive indicação através do Projeto Acalanto, ONG de apoio a adoção e que desenvolve um trabalho juntos aos jovens acolhidos. O contato para marcar as entrevistas foi feito por telefone e através do whatsapp. Apresentei a cada um a proposta e motivação para construção do podcast e como seria por áudio em vez de imagem fez com que se sentissem mais confortáveis para abrirem seus corações e contar suas histórias.

4.2 PRODUÇÃO

Para trazer as vozes com fidelidade à realidade das histórias, e as informações contadas neste podcast utilizamos um recurso absolutamente inerente ao trabalho do jornalista: a entrevista. Em virtude da pandemia do coronavírus, as variantes e ao fato de eu estar gestante inicialmente e depois do nascimento da minha filha, a exposição de um bebê tão pequeno, e também a todo cuidado que demanda um bebê, as entrevistas que compõem este trabalho, sofreram adaptações, alguns foram realizadas de forma presencial respeitando o devido distanciamento e cumprindo o protocolo de proteção, e outras foram executadas através do aplicativo de mensagens WhatsApp através dos áudios e de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado.

Para as entrevistas via WhatsApp, encaminhei algumas perguntas, orientei os entrevistados sobre como deveriam gravar o áudio em um local sem barulho externo e falando de forma clara, que me enviaram as sonoras com as respostas, alguns levaram alguns dias para enviar os audios, outros no mesmo dia em que receberam, e houveram aqueles em que esperei dias e até semanas e não obtive nenhum retorno, o que acabava por alterar meus planos e atrasar a construção do produto. É importante ressaltar que embora as entrevistas não tenham sido gravadas pessoalmente, nem em estúdio, alguns dos audios recebidos tiveram uma boa qualidade. Aqueles que tiveram algum tipo de ruído, passaram por uma limpeza no programa de edição de áudio Audacity, para que a qualidade ficasse melhor.

No início de tudo a proposta era construir três episódios, mas alguns entrevistados acabaram desistindo, tive que recalcular a rota, em virtude também do tempo curto que tinha para escrever e editar, concluir o relatório e enviar, além do contexto que estou inserida e de outras questões já relatadas neste trabalho, em conversa com a orientadora optamos por ficar apenas com dois episódios e que eu faria o possível para que os dois ficassem prontos e dentro [Digite aqui]

do que me propus.

A proposta foi fazer uma temporada de um podcast com dois episódios de quinze a vinte minutos, em cada episódio contamos histórias ligadas ao acolhimento e o desacolhimento, a partir das próprias vozes dos personagens. Além de lançar luz sobre o tema, e contar as histórias, buscou-se informar acerca de um tema pertinente à sociedade e caro de mais divulgação.

Entre as fontes escolhidas para o podcast, optei por dar voz principalmente aos personagens, e trabalhar o podcast sob suas perspectivas de vida, e buscando colocá-los como protagonistas, por isso a ausência de mais fontes oficiais, que acompanham de certa forma “de fora” as histórias dos acolhidos, mas sim dando voz a quem de fato vive isto a partir da própria experiência.

Assim, as fontes entrevistadas foram: Bruno Bezerra, jovem desacolhido aos 18 anos; Mario Fernandes jovem adotado aos 18 anos; Rejane Bruno Psicopedagoga e co-fundadora do projeto Acalanto Natal; Adresa Santos Psicóloga e coordenadora do projeto de extensão do Projeto Acalanto. As entrevistas aconteceram em julho de 2022.

Até a qualificação o podcast se chamaria “Elos” mas, durante a produção e acatando o que a banca de qualificação indicou, de que o podcast deveria focar mais nos jovens desacolhidos, decidimos alterar o nome do podcast para “Des-acolhidos”, usando o sufixo ‘des’ que, de acordo com o dicionário, indica negação, separação ou cessação. Para representar justamente essa saída do acolhimento, esse desacolhimento que esses jovens vivem. Com quase todas as entrevistas enfim coletadas, (pois algumas foram incluídas depois de apontamentos feitos pela minha orientadora na correção dos roteiros) era hora de começar a construção do roteiro de cada episódio.

Após ouvir cada áudio, pensar e repensar em como colocar no papel e no texto para ser ouvidas as histórias que me dispus a ouvir e a contar, comecei a escrever. A escrita foi lenta em alguns momentos, mais rápida em outros, e sempre entre colo, amamentação, e madrugadas de trabalho acadêmico e materno. Busquei me colocar também dentro deste contar histórias com impressões e sentimentos que foram florando a cada sonora que ouvi. Tentei também incorporar os dados e informações obtidas na pesquisa da dissertação.

Durante a graduação em Jornalismo, cursei disciplinas de radiojornalismo que me fizeram tomar gosto pelo áudio, como também aprender um pouco sobre o roteiro, e durante o tempo em que fui reporter da rádio universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) eu aprendi sobre os roteiros, a gravação, montagem dos roteiros, e também um pouco sobre a edição de áudio, e isso me auxiliou na construção do podcast.

A gravação dos textos do podcast foi feita no estúdio da Rádio Universitária da UFRN.

[Digite aqui]

O acesso foi facilitado pelo fato de ser ex-aluna e ex-estagiária e ainda amiga da chefe de reportagem, Anna Jasiello Dantas. Solicitei o uso estúdio e gentilmente me permitiu. Em uma brecha da programação no início do dia, assim que a rádio abre, às 7h da manhã, fui gravar, no dia 21 de julho de 2022.

Algumas adversidades como o resfriado que peguei na semana da gravação atrapalharam um pouco a narração dos textos, quase fiquei sem voz e não havia mais tempo hábil para gravar, editar e entregar o material pronto para submeter à banca de defesa.

Com a gravação pronta e as entrevistas realizadas, chegou a hora de editar os episódios e de fato fazer o podcast. Para editar o áudio e todo o podcat contei com a ajuda do meu amigo Eduardo Pandolphi, que é radialista e editor de áudio. As pautas (Apêndice) me guiaram tanto na entrevista quanto na construção dos roteiros e conseqüentemente na formação do produto.

É importante ressaltar que nem tudo aquilo que me propus nas pautas foi possível, pois como o jornalismo também vive de improviso e acontecimentos inesperados em alguns momentos tive que recalculer a rota, seja por entrevistados desistirem de dar a entrevista, pela ausência do contato presencial, pela limitação de tempo entre a produção e a entrega.

Juntos fomos escolhendo as trilhas que iriam compor os episódios, adicionando as sonoras e a narração. Eduardo me mostrou as possibilidades e as ideias que ele tinha para montagem, e do mesmo modo eu falei da minha ideia, do que não abria mão, e do quando precisava de toda agilidade e atenção dele de editor para que conseguisse um produto final bonito, bem amarradinho, com todas as sonoras se encaixando. Algumas ideias que eu tinha eram incríveis na minha cabeça – mas só nela. E ele me deu dicas ouvindo o texto gravado de como seria melhor para encaixar. Optei por trilhas que tivessem a intenção de acompanhar as histórias que foram contadas, engajar ainda os ouvintes com uma identidade sonora.

4.3 PÓS PRODUÇÃO

Quando o primeiro episódio ficou pronto, Eduardo me mandou, ao ver a notificação de Eduardo no whatsapp e me mandando o audio do episódio, dei gritos de alegria, ver enfim o podcast tomar forma “valendo”, eu já estava orgulhosa do que fiz, e de conseguir fazê-lo. Embora quisera fazer bem mais neste episódio, como também no podcast como um todo, eu o olharei sempre com orgulho e com carinho. Concluir e ouvir algo que você idealizou se tornar possível, é muito bom, e acreditar que as histórias de vida contadas ali podem alcançar outras pessoas e lançar luz sobre um tema caro de debate e de visibilidade, me deixa alegre e

[Digite aqui]

esperançosa, não apenas em âmbito pessoal, como também profissional.

A edição foi feita nos programas Sound Forge e Samplitude, no Sound Forge gravamos a narração dos episódios e editamos as entrevistas, e no Samplitude juntamos todos os audios e colocamos as trilhas. O primeiro episódio teve 15 minutos de duração; o segundo episódio teve 21 minutos. Os produtos inicialmente não foram publicados em plataforma de áudio, o que ocorreu apenas após a banca de defesa realizada em 24 de agosto de 2022. Ouvi as considerações da banca sobre o produto, e o que ainda poderia ser melhorado para então poder fazer a distribuição em uma plataforma de áudio. A plataforma de áudio escolhida foi Anchor do Spotify tendo em vista a popularidade e a facilidade de acesso, e por permitir a publicação de forma gratuita.

O podcast está disponível tanto na plataforma Anchor como no próprio Spotify, e pode ser ouvido no seguinte link: <https://open.spotify.com/show/7hM4ua6Fl6CjdIQZMTZuVn>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório é o resultado da construção do podcast “Des-acolhidos”- um podcast jornalístico sobre os desafios do desacolhimento institucional por maioria, abordando desde a motivação para a escolha do tema, até o produto final. Todo o processo de construção deste trabalho foi muito importante para mim e também cercado de desafios. Primeiramente por ser o trabalho da conclusão de um mestrado, algo que tanto sonhei um dia, depois de dois anos de pandemia, e em segundo lugar, por concluí-lo no puerpério com um bebê de dois meses, ser uma mãe recém nascida e mestranda ao mesmo tempo é deveras desafiador.

Desde o princípio a minha maior motivação era que esse produto pudesse cumprir o papel social do jornalismo, de dar voz a pautas relevantes e de despertar um olhar sobre temas caros de debate em nossa sociedade. E também seu papel natural, que na minha visão é o de contar e retratar histórias reais. Portanto, a construção do podcast, produto final de um trabalho de mestrado, me deu a oportunidade de narrar as histórias sobre vida, acolhimento, desacolhimento, família.

Abraçar este tema, buscar conhecê-lo a fundo e poder compartilhar com a sociedade em geral um pouco deste conhecimento adquirido, as histórias conhecidas e compartilhadas por cada um que se dispôs a nos receber e que pudesse contar suas histórias, é algo indescritível.

Ao contar as histórias de Bruno, Mário, e Rejane também contamos um retrato da história de tantos outros jovens por este Brasil que saem todos os anos dos serviços de acolhimento institucional, sendo o primeiro trabalho que aborda o tema do desacolhimento institucional no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Apesar das limitações da pesquisa e do produto focar nas vozes dos des-acolhidos, compreendo que este trabalho pode contribuir para lançar luz sobre este tema tão necessário.

Quanto às limitações deste trabalho devido a pandemia da COVID-19, a gestação, e o puerpério não consegui produzir um trabalho com qualidade técnica desejada e planejada no início do projeto, nem ouvir outras fontes que gostaria de ter ouvido, e do modo como gostaria de ter explorado mais as entrevistas de forma presencial.

É importante ressaltar que este relatório, assim como o produto dele resultante, são um retrato e um recorte do tema abordado, e, portanto, não consegue explorar todos os aspectos, nem consegue abranger todas as minúcias que cercam a temática do desacolhimento institucional, assim como também do podcast.

Em face do que foi explanado no presente trabalho, ao longo dos capítulos anteriores, podemos afirmar que o podcast é uma mídia sonora em ascensão, e uma ferramenta promissora para o Jornalismo. É um espaço com novas oportunidades de contar histórias de forma [Digite aqui]

humanizada, como também de ouvir, produzir e distribuir mídia sonora para uma população cada vez mais interessada nesse tipo de mídia, conforme discutimos anteriormente. O podcast é o rádio expandido para além das ondas hertzianas, convergente (Jenkins, 2009) e transbordante em outras mídias, no celular, nas redes sociais, no sites, na TV, assim como coloca Kischinhevsky (2016).

O sistema de acolhimento institucional, no qual residem estes jovens merece um olhar mais atento e um acompanhamento mais profundo por parte da Vara de Infância e Juventude. É necessário que sejam criadas e fortalecidas políticas públicas e que haja programas e projetos sociais que ajude a preparar os adolescentes para a saída das instituições, nessa transição cercada de incertezas.

Entre os problemas mais apontados pelos egressos das unidades de acolhimento está a falta de suporte financeiro e de alternativas de moradia. Sem meios adequados de subsistência e sem o devido amparo por parte daqueles que, até então, eram seus responsáveis legais, estes jovens podem virar alvo fácil da vulnerabilidade e da criminalidade.

Assim, são importantes diferentes estratégias de apoio e que auxiliem na construção de projetos de vida que façam sentido, estimulando a autonomia tanto emocional quanto financeira, para que os jovens fortaleçam suas identidades, tenham a possibilidade de formar novos vínculos afetivos e a colocação no mercado de trabalho. A garantia de direitos atua diretamente na construção de um país melhor para todos, sobretudo para que seja possível passar do desacolhimento para uma vida segura e estável.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M.V. Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação. São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2006. -- (Coletânea abrigar; 1)

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. Remediation: understanding news media. Cambridge: The MIT Press, 2000

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

CASTRO, Gisela G.S. Podcasting e consumo cultural. E-Compós. Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. 5.ed, 2005

CARVALHO, Paula Marques de. Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet. Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Católica de Pernambuco, 2 a 6 de setembro de 2011.

CONSTANTINO, E. (2000) Meninos institucionalizados: a construção de um caminho. São Paulo. Arte e ciência.

CUNHA, K. M. R; MANTELLO, P. F. Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. Comunicação Midiática, Bauru, v.9, n.2, p. 56-67, 2014

FRANCO, D. “Podcast”. In: SPYER, J. (Org). Para Entender a Internet: Noções, práticas e desafios da comunicação em rede. Disponível em: <https://fdocumentos.tips/document/e-book-para-entender-a-internet-nocoes-praticas-e-desafios-da-comunicacao-em-rede.html>

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (Compós), 19.; GT ECONOMIA POLÍTICA E POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO, 2010, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Compós, 2010

FAZENDO HISTÓRIA - Adolescentes acolhidos – Disponível em: <https://www.fazendohistoria.org.br/blog-geral/2019/9/6/adolescentes-acolhidos-o-desafio-da-maioridade> - Acesso em Janeiro de 2021

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2001. FIDLER, Roger. Mediamorfosis: Comprender los nuevos medios. Buenos Aires: Ediciones Granica, 1998.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo. Atlas. 1991.

GOES, A. E. D. Des-acolhimento institucional com a maioria: tempo de compartilhar responsabilidades. In: MEDEIROS, A; BORGES, S. S. M. (orgs). Psicologia e Serviço Social: referências para o trabalho no judiciário. São Paulo: Nova Práxis Editorial, 2019.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009.

LOPEZ, Débora. Estratégias para o radiojornalismo na internet: um estudo da evolução e das mudanças recentes no site da rádio CBN. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Anais... Guarapuava, 2011. p. 1-15.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e mídias sociais: interações radiofônicas em plataforma digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. 152p.

_____, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, v. 5, p. 74-81, 2018.

LIBERATI, Wilson Donizeti. Adoção: adoção internacional. 2. ed. Brasil: Malheiros, 2003.

MARTÍNEZ-COSTA, Maria Del Pilar. Un nuevo paradigma para la radio. Sobre convergencias y divergencias digitales. In: MARTINEZ-COSTA, María Del Pilar (coord). Reinventar La Radio. Pamplona: Eunate, 2001.

MARTINEZ, Mônica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. Estudos em Jornalismo e Mídia v.6, n.1, pp. 71-83, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418> Acesso em: 01/11/2021

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo**: identidade brasileira. São Paulo: Paulus, 2006.

NOBRE, Kassia. 10+ da comunicação: Podcasts de veículos nacionais. 2019. Disponível em http://https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/82950/10++da+comunicacao+p o Acesso em 22/09/2021

PENA, Felipe. Jornalismo Literário. São Paulo: Contexto, 2006.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985. 117 p.

SIQUEIRA A, DELL' AGLIO D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. Psicologia e Sociedade, 71-80.

VIANA, Luana. O Uso do Storytelling no Radiojornalismo Narrativo: Um Debate Inicial para Podcasting. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2 a 7 de setembro de 2019.

LINKS

CNMP divulga dados sobre acolhimento de crianças e adolescentes - Conselho Nacional do Ministério Público. Disponível em: <[https://www.cnmp.mp.br/portal/todas-as-noticias/3702-cnmp-divulga-dados-sobre->](https://www.cnmp.mp.br/portal/todas-as-noticias/3702-cnmp-divulga-dados-sobre-). Acesso em 22/06/2022

Painel Nacional de adoção-Disponíveis em:
<https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434-b913-f74b5b5b31a2&sheet=e78bd80b-d486-4c4e-ad8a-736269930c6b&lang=pt-BR&opt=ctxmenu,currsel&select=clearall>. Acesso em: Fevereiro de 2022

CNA - Cadastro Nacional de Adoção. Disponível em:
<<https://www.cnj.jus.br/cnanovo/pages/publico/index.jsf>>. Acesso em fevereiro de 2022

Podpesquisa-ABPOD disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf>
Acesso em: Janeiro de 2022

“The activity of writing, telling, or reading stories”. Disponível em:
<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/storytelling> - acesso em 25/10/2021

Plano Municipal de Assistência social –SEMTAS - Natal/RN 2021. [s.l: s.n.]. Disponível em:
<https://www.natal.rn.gov.br/storage/app/media/semtas/Plano_Municipal_de_Assistencia_Social.pdf>. Acesso em Fevereiro de 2022

APÊNDICES

Pautas

Episódio 1 - Fiz 18, e agora?

Entrevistados:

Bruno Bezerra - Jovem que cresceu no acolhimento institucional e saiu aos 18 anos.

Psicóloga do Projeto Acalanto: Andresa Santos

Tema: Desacolhimento institucional, e a saída aos 18 anos.

Direcionamento: De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), através da Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, BRASIL, que rege o acolhimento o institucional, ele é uma medida protetiva excepcional e provisória, nos casos de ameaça ou violação de direitos em que foram esgotadas as outras possibilidades de proteção da criança ou do adolescente. Mas, ao contrário do que determina o ECA, na prática não acontece de forma passageira e transitória. A lei determina um período de até dois anos, mas por vezes o período de acolhimento se prolonga até o adolescente atingir a maioridade e ser desligado da instituição. A Lei Nº 13.509, de 22 de Novembro de 2017, BRASIL, afirma no art 19 inciso 1º, que toda criança ou adolescente que estiver inserido em programa de acolhimento familiar ou institucional terá sua situação reavaliada, no máximo, a cada 3 (três) meses, para evitar uma longa permanência nas instituições; Apesar disto o painel do ¹⁵Sistema nacional de adoção e acolhimento do Conselho Nacional de Justiça, mostra que dos cerca de 30 mil acolhidos no Brasil, 3236 já ultrapassaram dois anos de acolhimento.

No Rio Grande do Norte, estado em que se reflete esta pesquisa, de acordo com dados do Sistema Nacional de adoção e acolhimento (SNA)¹⁶, acessados em maio de 2021, o RN possui 191 crianças e adolescentes acolhidos, 50 deles disponíveis para adoção, e 423 pretendentes habilitados. Os dados mostram que 116 das 191 crianças e adolescentes estão acolhidos há mais de 1 ano, e 38 há mais de três anos. O maior grupo de acordo com a faixa etária é dos adolescentes de mais de quinze anos, dentre eles 24 meninas e 33 meninos. Dos 52 pretendentes habilitados para adoções necessárias de crianças e adolescentes com mais de oito anos, apenas 2 aceitam adolescentes com mais de 16 anos.

No episódio de hoje contamos a história do Bruno. Jovem que viveu o acolhimento institucional por boa parte de sua vida até sua saída aos 18 anos. Ele sabe de perto esse processo e as marcas que ficam.

Episódio 2 – Rede de Apoio

Entrevistados:

Rejane Bruno – Psicopedagoga, mãe e criadora do projeto acalanto.

Mário Fernandes - Jovem adotado após os 18 anos e filho de Rejane.

Andresa Santos – Psicóloga do Projeto Acalanto

Tema: Adoção após os 18 anos e a importância dos projetos de apoio aos jovens que estão beirando o desligamento.

Direcionamento: O Projeto Acalanto Natal é uma sociedade civil e assistencial, sem fins econômicos, composto por um grupo de pessoas da comunidade que voluntariamente propuseram-se a desenvolver um trabalho de esclarecimento, estímulo e encaminhamento à adoção, tendo como objetivo básico evitar a institucionalização de crianças e adolescentes e prevenir o seu abandono e marginalização. Neste episódio pretendemos contar como funciona o trabalho deles e a atuação no RN e como auxiliam os jovens que estão beirando o desligamento institucional a se preparar para a saída das instituições, nessa transição cercada de incertezas. Que estratégias de apoio usam, auxilia na construção de projetos de vida que façam sentido para o adolescente, estimulando a autonomia e o protagonismo nessa nova fase.

Conversaremos também com a Rejane mãe e criadora do projeto Acalanto, sobre esses anos que ela realiza este trabalho na ong, e também seus filhos adotivos, em especial sobre a adoção de um jovem após os 18 anos de idade, ele também vai contar sobre sua vivência nas unidades de acolhimento e como foi ser adotado na idade em que deveria se desligar do sistema de acolhimento.

Pretende-se compreender a importância do trabalho desenvolvido pela ONG principalmente aos jovens acolhidos. E também a necessidade de políticas públicas neste âmbito.

ROTEIRO - EPISÓDIO 1 - FIZ 18 E AGORA?

VINHETA DE ABERTURA

Cabeça/INTRODUÇÃO: ESSE EPISÓDIO É SOBRE, INSEGURANÇA, INVISIBILIDADE, MAS TAMBÉM SOBRE DESAFIOS, EXPECTATIVAS E SUPERAÇÃO/ EU SOU FERNANDA SANTOS E ESTE É O PODCAST ‘DESACOLHIDOS’/ NO EPISÓDIO DE HOJE, VAMOS CONHECER A HISTÓRIA DO BRUNO BEZERRA, QUE VIVEU PARTE DE SUA VIDA EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E FOI DESACOLHIDO AOS 18 ANOS. COLOQUE SEUS FONES E MERGULHE JUNTO COMIGO NESTA HISTÓRIA//

BG

OFF: QUAL ERA SUA PREOCUPAÇÃO AO FAZER 18 ANOS? / A CHEGADA DA MAIORIDADE É UM MOMENTO CRUCIAL PARA MUITOS JOVENS/ NESTA ÉPOCA EU ESTAVA SONHANDO COM A FACULDADE, COM A INDEPENDÊNCIA, E MEU MAIOR ANSEIO ERA PASSAR NO ENEM, E CONSEGUIR UMA VAGA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MEU ESTADO/ E ASSIM FOI, ENTREI NA UNIVERSIDADE, MUDEI DE CIDADE. UM TURBILHÃO DE ACONTECIMENTOS, MAS TENDO TODO O APOIO INCONDICIONAL DOS MEUS PAIS, E TODO SUPORTE PARA ESTA NOVA FASE, TANTO FINANCEIRO, QUANTO EMOCIONAL. MAS NEM TODO MUNDO TEM OU TEVE NA VIDA A MESMA SORTE QUE EU//

BG -

OFF: PARA JOVENS QUE CRESCERAM EM UNIDADES DE ACOLHIMENTO SEM O AMPARO FAMILIAR, PODE SER UM MOMENTO DE DESAMPARO E INSEGURANÇA, POIS ELES PRECISAM DEIXAR AS INSTITUIÇÕES QUE CONHECERAM COMO LAR E TRILHAR O PRÓPRIO CAMINHO. É SAIR POR IMPERATIVO, POR LEI.

TRILHA/BG

OFF: ENTRE AS PESSOAS DISPONÍVEIS PARA A ADOÇÃO NOS DIVERSOS ABRIGOS ESPALHADOS PELO BRASIL CERCA DE SETENTA POR CENTO SÃO ADOLESCENTES, SEGUNDO O CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA / OLHANDO PARA OS MAIORES DE 15 ANOS E ESTÃO PRESTES A ATINGIR A MAIORIDADE, O CADASTRO NACIONAL DE ADOÇÃO APONTA QUE SÃO 1.073 JOVENS.// GENTE QUE LOGO VAI PRECISAR DEIXAR SEU TETO // ANUALMENTE, CERCA DE 3 MIL JOVENS EGRESSOS DE ABRIGOS ATINJAM A MAIORIDADE SEM ENCONTRAR UMA FAMÍLIA.

BG

OFF: SEGUNDO O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DEVE SER UMA MEDIDA PROTETIVA EXCEPCIONAL E PROVISÓRIA, DE NO MÁXIMO 18 MESES/ DURANTE ESSE TEMPO É NECESSÁRIO QUE O SERVIÇO DE ACOLHIMENTO TRABALHE, NA PERSPECTIVA DA RESTAURAÇÃO DOS VÍNCULOS FAMILIARES E COMUNITÁRIOS, E NA SUA IMPOSSIBILIDADE, ENCAMINHE PARA FAMÍLIA SUBSTITUTA/ MAS, AO CONTRÁRIO DO QUE DIZ O ECA, NA PRÁTICA NEM SEMPRE O ACOLHIMENTO ACONTECE DE FORMA PASSAGEIRA E TRANSITÓRIA. //

SOB SOM .

BG

OFF: BRUNO. HOJE COM 28 ANOS, CONTA QUE SOFREU UM LONGO PERÍODO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, PASSANDO POR TRÊS INSTITUIÇÕES NA CIDADE DE NATAL. DOS 3 AOS 6 ANOS DE IDADE, E RETORNANDO AOS 14 ONDE PERMANECEU ATÉ A MAIORIDADE.

SONORA: SONORA DO BRUNO CONTANDO SOBRE SUAS PASSAGENS PELO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO.

OFF: DURANTE O PERÍODO EM QUE FICOU ACOLHIDO, BRUNO PASSOU POR 2 TIPOS DE INSTITUIÇÕES, AS CASAS DE PASSAGEM PERTENCENTES A PREFEITURA DO NATAL, E PELA ONG ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL /

AS CASAS DE PASSAGEM OU CASAS DE ACOLHIMENTO SÃO UMA INICIATIVA DO PODER PÚBLICO E COMPÕEM A REDE DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA. TEM UM CARÁTER TRANSITÓRIO ALÉM DE EXCEPCIONAL, COMO ORIENTA O ARTIGO 101 DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. CADA UNIDADE TEM SUA EQUIPE TÉCNICA, DIVIDIDAS POR FAIXA ETÁRIA E TÊM OS EDUCADORES SOCIAIS, QUE SE REVEZAM EM TURNO POR 12 HORAS E CADA UNIDADE DE ACOLHIMENTO //

JÁ AS ALDEIAS INFANTIS SÃO UMA ORGANIZAÇÃO GLOBAL COM INCIDÊNCIA LOCAL SEM FINS LUCRATIVOS E QUE ATUA EM PARCERIA COM A COMUNIDADE, OUTRAS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL E GOVERNO, NO CUIDADO E PROTEÇÃO DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES, JOVENS E SUAS FAMÍLIAS.// AGORA QUE JÁ ENTENDEMOS A DIFERENÇA ENTRE ESSES DIFERENTES MODELOS, VAMOS OUVIR A HISTÓRIA DE QUEM

CONHECE DE PERTO AS DUAS EXPERIÊNCIAS DE ACOLHIMENTO// BRUNO COMENTA SOBRE A VIDA NAS UNIDADES E O SUPORTE RECEBIDO

SONORA BRUNO - ELE FALA SOBRE O SUPORTE QUE RECEBEU NAS DUAS UNIDADES

OFF: COM OS 18 ANOS CHEGOU TAMBÉM O MOMENTO DE BRUNO SER DESLIGADO OBRIGATORIAMENTE/ O MARCO DE ATINGIR A MAIORIDADE, GERALMENTE REGADO DE MUITA EUFORIA, PARA ELE FOI CHEIO DE INSEGURANÇA EMOCIONAL, FINANCEIRA E AFETIVA.

BG

SONORA: BRUNO CONTA COMO SE SENTIU AO FAZER 18 ANOS

OFF: O DESLIGAMENTO NÃO DEVE SER VISTO APENAS COMO A SAÍDA DA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO, MAS COMO UM PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA;/ PARA BRUNO OS ANOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO NÃO O DEIXARAM PRONTO PARA O DIFÍCIL MOMENTO DA SAÍDA.

SONORA: BRUNO CONTA COMO SE SENTIU QUANDO CHEGOU O MOMENTO DO DESLIGAMENTO.

OFF: DURANTE OS PRIMEIROS SEIS MESES APÓS DEIXAR O ABRIGO BRUNO TEVE O AUXILIO DAS ALDEIAS.// ELE RECEBEU UM ALUGUEL SOCIAL E CESTA BÁSICA./ CONTUDO, SE SENTIU ABANDONADO AFETIVAMENTE.

SONORA BRUNO

OFF: TENDO EM VISTA, AO COMPLETAREM 18 ANOS, DA NOITE PARA O DIA OS ACOLHIDOS NÃO ESTÃO MAIS SOB PROTEÇÃO DO ECA E AGORA ESTÃO DIANTE DE UM NOVO CONTEXTO DE VIDA, COMO SÃO PREPARADOS OS ADOLESCENTES PARA SAIR DA INSTITUIÇÃO COM SEGURANÇA? COM AUTONOMIA FORTALECIDA, PROFISSIONALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO AOS ACOLHIDOS / BRUNO CONTA QUE SENTIU DIFICULDADES PARA ENCONTRAR UM EMPREGO//

SONORA BRUNO - DIFICULDADE DE ENCONTRAR EMPREGO E A REJEIÇÃO POR ELE SER EGRESSO DE INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO.

OFF: AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR BRUNO APONTAM PARA A NECESSIDADE DE QUE A PREPARAÇÃO GRADATIVA PARA O DESLIGAMENTO MÃO SEJA APENAS UM PRECEITO LEGAL, MAS SIM UMA REALIDADE. POIS O DESLIGAMENTO DAS UNIDADES DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL É UMA

ETAPA MUITO IMPORTANTE PARA OS JOVENS.

TRILHA

OFF: A HISTÓRIA DO BRUNO É UM RETRATO DA HISTÓRIA DE TANTOS OUTROS JOVENS POR ESTE BRASIL QUE SAEM TODOS OS ANOS DOS SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL. POLÍTICAS PÚBLICAS, PROGRAMAS E PROJETOS SOCIAIS QUE ATUEM NESSA TRANSIÇÃO CERCADA DE INCERTEZAS E DESAFIOS SÃO DE FUNDAMENTAL IMPORTANCIA. A PARTICIPAÇÃO ATIVA DA SOCIEDADE NA EFETIVAÇÃO DO DIREITO À CONVIVÊNCIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES ATUA DIRETAMENTE NA CONSTRUÇÃO DE UM PAÍS MELHOR PARA TODOS.

CRÉDITOS: EU SOU FERNANDA SANTOS. ASSINO O ROTEIRO E A NARRAÇÃO DESTE EPISÓDIO,/ A EDIÇÃO DE ÁUDIO É DE EDUARDO PANDOPHI. O PODCAST DES-ACOLHIDOS É RESULTADO DA MINHA DISSERTAÇÃO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, COM ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA DOUTORA PATRÍCIA MONTEIRO./ NO PRÓXIMO EPISÓDIO VAMOS FALAR SOBRE COMO UMA REDE APOIO PODE FAZER A DIFERENÇA NA VIDA.

ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO.

TRILHA FINAL

Roteiro Episódio 2 - Rede de apoio

VINHETA de abertura

OFF: DURANTE AS DIVERSAS FASES DA VIDA, PASSAMOS POR TRANSFORMAÇÕES, APRENDIZADOS, EXPERIÊNCIAS, SUPERAÇÕES, INSEGURANÇAS, MEDO DE UM FUTURO DESCONHECIDO E AINDA INCERTO. MAS VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR NA DIFERENÇA QUE FAZ TER COM QUEM CONTAR NESTES MOMENTOS? EM COMO É BOM TER ACOLHIMENTO E AMPARO?

SOB SOM

OFF: UMA REDE DE APOIO É DE FUNDAMENTAL IMPORTÂNCIA POIS ATRAVÉS DELA PODEMOS ATRAVESSAR, DE FORMA MUITO MAIS SAUDÁVEL, AS DIFERENTES SITUAÇÕES DA VIDA. SEJA ESSA AJUDA EMOCIONAL, FÍSICA, COM ORIENTAÇÕES, SANANDO DÚVIDAS, OU SIMPLEMENTE OFERECENDO APOIO.

BG

OFF: É NESSA PERSPECTIVA DE ESTAR JUNTO, QUE ATUAM OS GRUPOS DE APOIO À ADOÇÃO. HOJE EXISTEM MAIS DE DUZENTOS GRUPOS DE APOIO À ADOÇÃO ESPALHADOS PELO PAÍS. EM NATAL, CAPITAL DO RIO GRANDE DO NORTE, TEMOS O PROJETO ACALANTO QUE DESENVOLVE UM TRABALHO DE ESCLARECIMENTO, ESTÍMULO E ENCAMINHAMENTO À ADOÇÃO. TENDO COMO OBJETIVO BÁSICO EVITAR A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES, E PREVENIR O SEU ABANDONO E MARGINALIZAÇÃO. / QUEM EXPLICA COMO O PROJETO FUNCIONA É A PSICOPEDAGOGA E CO-FUNDADORA DO PROJETO ACALANTO, REJANE BRUNO.

SONORA REJANE: FALANDO SOBRE O QUE É O PROJETO ACALANTO E QUAIS OS OBJETIVOS

OFF: O PROJETO ACALANTO DESENVOLVE DIVERSAS AÇÕES BUSCANDO A GARANTIA À CONVIVÊNCIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA E O MELHOR INTERESSE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.

SONORA REJANE: FALANDO SOBRE AS AÇÕES E PROJETOS QUE O ACALANTO REALIZA.

OFF: UMA DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS PELO ACALANTO É COM OS JOVENS ACOLHIDOS QUE ESTÃO BEIRANDO O DESLIGAMENTO./ PARA AUXILIÁ-LOS NA TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA, ORIENTA-LOS EM

DIREÇÃO AO FUTURO, COM FORTALECIMENTO DA AUTONOMIA PARA QUE CADA UM POSSA CONTINUAR SUAS TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA FORA DA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO.

A PSICOLOGA E COORDENADORA DE PROJETOS DE EXTENSAO DO PROJETO ACALANTO ANDRESA SANTOS EXPLICA AS AÇÕES SOCIAIS COM OS JOVENS QUE ESTÃO BEIRANDO O DESLIGAMENTO.

SONORA: ANDRESA SANTOS FALANDO SOBRE A ATUAÇÃO DO ACALANTO JUNTO AOS JOVENS E COMO BUSCAM FORTALECE-LOS.

OFF: O DESLIGAMENTO NÃO DEVE SER VISTO APENAS COMO A SAÍDA DA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO, MAS UM PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA QUE PREPARE O ADOLESCENTE PARA VIVER E CONVIVER EM SOCIEDADE. INICIATIVAS AS DESENVOLVIDAS PELO PROJETO ACALANTO SÃO FUNDAMENTAIS PARA QUE ISSO ACONTEÇA.

SONORA ANDRESA SANTOS – FALA DA PREOCUPAÇÃO QUE ELES TEM COM ESSES JOVENS.

OFF: EU CONHECI O PROJETO ACALANTO EM 2018, QUANDO ESTAVA PRODUZINDO O ELOS E LAÇOS, LIVRO REPORTAGEM QUE FOI O RESULTADO DO MEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE / E FOI QUANDO TAMBÉM CONHECI E ME ENCANTEI COM A HISTÓRIA DA REJANE QUE É CO-FUNDADORA DO ACALANTO E MÃE POR ADOÇÃO. //

SONORA : REJANE FALANDO SOBRE COMO A ADOÇÃO FAZ PARTE DA VIDA DELA.

OFF: UM DOS FILHOS DA REJANE, FOI ADOTADO APÓS OS 18 ANOS./ COM UMA HISTÓRIA DE LONGA INSTITUCIONALIZAÇÃO, E UMA TRAJETÓRIA MARCADA PELO ABANDONO, E A RUPTURA DOS VÍNCULOS. MARIO, CRUZOU SUA VIDA JUSTAMENTE ATRAVÉS DAS AÇÕES DO ACALANTO.//

SONORA REJANE CONTA SOBRE CONHECEU O SEU FILHO MÁRIO.

OFF: COM A CHEGADA DOS DEZOITO ANOS, MÁRIO, NÃO HAVIA SIDO ADOTADO E NÃO HAVIA VÍNCULOS BIOLÓGICOS QUE PUDESSEM ACOLHÊ-LO OU UMA PERSPECTIVA PROFISSIONAL FORA DA INSTITUIÇÃO./ TUDO ISSO

DEIXOU REJANE INQUIETA//

TRILHA DE TRANSFORMAÇÃO

SONORA REJANE - CONTANDO SOBRE COMO A SITUAÇÃO DO MARIO A DEIXOU INQUIETA E COMO SE DEU A ADOÇÃO.

OFF: MÁRIO CONTA QUE AOS DEZESSEIS ANOS JÁ HAVIA PERDIDO AS ESPERANÇAS DE SER ADOTADO, E DEPOIS DOS DEZOITO SER ADOTADO FOI ALGO INCRÍVEL E QUE TRANSFORMOU SUA VIDA. GANHOU NÃO APENAS UM NOVO SOBRENOME NA CERTIDÃO MAS UM LUGAR DE AMOR, UMA NOVA FAMÍLIA.

SONORA DO MÁRIO - CONTANDO SOBRE SUA ADOÇÃO E COMO ISSO MUDOU SUA VIDA.

OFF: PARA QUE O DESLIGAMENTO INSTITUCIONAL E A REINSERÇÃO FAMILIAR ACONTEÇAM, É PRECISO FORTALECER A REDE DE APOIO ÀS FAMÍLIAS, CRIANÇAS E ADOLESCENTES DURANTE TODO O PROCESSO DE ADOÇÃO. O DESAFIO DO ESTADO É INVESTIR EM POLÍTICAS PÚBLICAS E SERVIÇOS QUE GARANTAM CONDIÇÕES DIGNAS PARA AS FAMÍLIAS; REPENSAR AS CONDIÇÕES QUE TÊM LEVADO CRIANÇAS E ADOLESCENTES AO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL, E LUTAR POR UMA CULTURA DE ADOÇÃO NA SOCIEDADE./ A HISTÓRIA DE MARIO E A ESCOLHA DE REJANE NOS MOSTRAM QUE O AMOR PODE MUDAR O MUNDO.

CRÉDITOS: E TERMINA AQUI A PRIMEIRA TEMPORADA DO PODCAST DESACOLHIDOS. EU SOU FERNANDA SANTOS. ASSINO O ROTEIRO E A NARRAÇÃO, A EDIÇÃO DE ÁUDIO É DE EDUARDO PANDOLPHI./ ESTE PODCAST É RESULTADO DA MINHA DISSERTAÇÃO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.//

OBRIGADA POR ESTAR COMIGO E ATÉ A PROXIMA